

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – IFRN – CAMPUS MOSSORÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – PROFEPT

IANY ALVES DA COSTA

**A POÉTICA DE BRECHT E SEUS CONTRIBUTOS PEDAGÓGICOS PARA A
FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

MOSSORÓ/RN

2023

IANY ALVES DA COSTA

**A POÉTICA DE BRECHT E SEUS CONTRIBUTOS PEDAGÓGICOS PARA A
FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Rio Grande do Norte- Campus Mossoró, para obtenção do título de mestra em educação.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Alexandre Araújo dos Santos

MOSSORÓ/RN
2023

INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – IFRN – CAMPUS MOSSORÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA – PROFEPT

**A POÉTICA DE BRECHT E SEUS CONTRIBUTOS PEDAGÓGICOS PARA A
FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Rio Grande do Norte- Campus Mossoró, para obtenção do título de mestra em educação.

Dissertação apresentada e aprovada em ____/____/____, pela seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos- Orientador
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Profa. Dra. Andrezza Maria Batista do Nascimento
IFRN- Examinadora Interna Titular

Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro
IFRN- Examinador Interno Suplente

Profa. Dra. Rebeka Carocha Seixas
IFRN- Examinadora Externa Titular

Profa. Dra. Renata Araújo Jatobá de Oliveira
UNIVISA- Examinadora Externa Suplente

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca IFRN – Campus Mossoró

C837 Costa, Iany Alves da.
A poética de Brecht e seus contributos pedagógicos para a formação humana integral na Educação Profissional e Tecnológica / Iany Alves da Costa. – Mossoró, RN, 2023.
90 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, 2023.
Orientador: Dr. Fábio Alexandre Araújo dos Santos

1. Bertolt Brecht 2. Poesia 3. Teatro 4. Educação 4. Formação política I. Título

CDU: 801.82:377

*Com cuidado examino
Meu plano: ele é
Grande, ele é
Irrealizável.*

Bertolt Brecht

Aos professores que lutam por uma educação emancipatória, sobretudo aqueles que como eu,
dedicam-se a alfabetizar as crianças com poesia e liberdade!

MINHA GRATIDÃO

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

(Fernando Pessoa).

Este poema de Fernando Pessoa traduz este momento tão importante em minha vida. Através da poesia pude adentrar no universo acadêmico como pesquisadora e descobrir caminhos teóricos com mais sensibilidade e consciência. Também me possibilitou conhecer outras realidades e pessoas que me acrescentaram outras vivências. O fio condutor deste trabalho foi tecido por muitos que como eu lutam para extrair do solo quente do sertão sua força para resistir a tantos empecilhos sociais que tentam nos calar. Mas o sertanejo é antes de tudo um forte, e cá estamos resistindo.

Ao nosso bom Deus força motriz a nos orientar nestes caminhos;

A minha família pelo apoio e paciência, suportando todas as angústias com carinho e compreensão. Em especial a D. Netinha, minha mãe, anjo bom e rima perfeita no verso da minha vida;

Aos meus alunos da Comunidade Solidão, razão pela qual luto tanto por uma educação emancipatória;

Ao querido professor Fábio Alexandre, grande orientador nesse caminhar acadêmico, me conduzindo com sua paciência por caminhos menos tortuosos e por acreditar que eu seria capaz;

Ao meu “Trio” que mesmo sem contato presencial, nos conectamos pelo afeto mútuo. Evanne e Cláudio vocês foram essenciais;

Enfim, minha gratidão a quem me ajudou com vibrações positivas, um abraço, palavras de incentivo ou aquele olhar de carinho... Gratidão!

Regar o jardim

*Regar o jardim, para animar o verde!
Dar água as plantas sedentas! Dê mais que o bastante.
E não esqueça os arbustos, também
Os sem frutos, os exaustos
E avaros! E não negligencie
As ervas entre as flores, que também
Tem sede. Nem molhe apenas
A relva fresca ou somente a ressecada:
Refresque também o solo nu.*

Bertolt Brecht

RESUMO

A arte é um bálsamo a embalar nossos dias obscurecidos pela dureza dos modos de produção capitalista, ela é o que mais nos aproxima de nós mesmos! Pois além de aflorar a nossa sensibilidade, empatia e conhecimento, deve nos levar a refletir sobre nossa trajetória enquanto sujeitos sociais. À vista disso, a presente pesquisa tem por objetivo analisar se os poemas de Bertolt Brecht por meio do pensamento dialético podem contribuir pedagogicamente para uma formação política de estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI). Nesse sentido, far-se-á princípio uma breve imersão em sua obra para compreendermos o contexto da vida do teatrólogo alemão, como também utilizamos a teoria de Augusto Boal, Koudela, Saviani, Frigotto, dentre outros, para que entendêssemos um pouco sobre as teorias do teatro/educação. Neste sentido, empreendeu-se, em um primeiro momento, a historização de Bertolt Brecht, com o objetivo de compreender a influência da obra de Karl Marx em seus escritos, a forma como sua poesia foi e ainda é importante na formação crítica das massas trabalhadoras e na sua relação com o modo de produção capitalista. Em momento posterior, elaboramos um contraponto entre os contributos pedagógicos presentes em suas poesias e de como poderiam ser incisivos para a formação humana integral. Assim, recorreu-se às bases da educação profissional e tecnológica e a pedagogia histórico-crítica como perspectiva teórico-pedagógica. Desse modo, percorremos as etapas do levantamento de informações bibliográficas para a estruturação de uma proposta pedagógica em formato de oficina a ser desenvolvida com alunos do EMI, podendo ser estendido ao Ensino Médio não profissional também. O processo de produção e aplicação da oficina ancora-se em interpretações teórico-metodológicas, e nas bases conceituais da educação profissional e tecnológica (EPT), fundamentalmente: trabalho, formação política e cidadania. Essa pesquisa apontou para certa ausência de publicações sobre a poética de Brecht na área da EPT, principalmente, no tocante à formação humana e integral. Por fim, a pesquisa teve como direcionamento a produção de uma proposta de oficina pedagógica pautada em rodas de conversas para a reflexão das poesias de Brecht e sua importância como fio condutor para a construção de uma educação dialética, humana e integral. Por conta do imenso potencial e influência social da poesia de Brecht, concluiu-se que, sua obra poética por meio dos seus poemas é vital para o desenvolvimento da formação política dos estudantes, permitindo, se discutida, um importante contributo para que os estudantes reflitam sobre a sua importância como ser pensante e profissional consciente de seu contexto histórico e social.

Palavras-chave: Bertolt Brecht; Poesia; Teatro; Educação; Formação política.

ABSTRACT

The art is a balm to soften our days darkened by the harshness of capitalist modes of production, it brings us closest to ourselves! In addition, the art emerges our sensitivity, empathy and knowledge, lead us to reflect on our trajectory as social beings. In view of this, the present research aims to analyze if the Bertolt Brecht's poems could contribute pedagogically to the political formation of Integrated High School (IHS) students through the dialectical thinking. To this end, we will start with a brief immersion in his work to understand the context of the german playwright's life, Bertolt Brecht, the theory of Augusto Boal, Koudela, Saviani, Frigotto, among others, so we will understand a little bit about the theater/education' theories. In this sense, the historicization of Bertolt Brecht was initially undertaken, with the aim of understanding the influence of Karl Marx's work on his writings and the way of his poetries was and still are important in the critical formation of the working masses and in the capitalist mode of production. Later, we elaborate a counterpoint between the pedagogical contributions in his poems and how they could be incisive for integral human formation. Thus, the bases of professional and technological education and historical-critical pedagogy were used in a theoretical-pedagogical perspective. In this way, we went through the stages of collecting bibliographic information to structure the pedagogical proposal in a workshop format to be developed with IHS students, which could be extended to non-professional High School as well. The workshop production and application process are anchored in theoretical-methodological interpretations, and in the conceptual bases of Professional Technological Education (PTE), fundamentally: work, political formation and citizenship. This research pointed to a certain absence of publications on Brecht's poetics in the area of PTE, mainly about the human and integral formation. Finally, as an educational proposal, a pedagogical workshop based on conversation circles was produced to reflect the Brecht's poems and their importance as a guiding thread for the construction to dialectical, human and integral education. Due to the immense potential and social influence of Brecht's poetry, it was concluded that his poetic work through his poems is vital for the development of students' political formation, allowing, if discussed, an important contribution for students to reflect about his importance as an opinion former and a professional person aware of his historical and social context.

Keywords: Bertolt Brecht; Poetry; Theater; Education; Political formation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OS CAMINHOS DIALÉTICOS DA ARTE DE BRECHT	14
2.1 “Trabalhadores, uni-vos!” O teatro Marxista de Bertold Brecht	17
2.2 Poéticas Políticas: de Piscator na Alemanha a Augusto Boal no Brasil	21
3 HISTORICIZAR É PRECISO: O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO COMO POSTURA EPISTEMOLÓGICA	28
3.1- A poética de Brecht e sua contribuição à formação humana integral	31
3.2 A poesia de Brecht como pressuposto didático para a formação política dos estudantes ..	35
4 CONHEÇO, REFLITO, RESISTO: AS PEÇAS DIDÁTICAS DE BRECHT	42
4.1 Vivências e aproximações... As peças didáticas e a EPT: um caminho possível	45
4.2- Luz, câmera, educação! Formação de professores na perspectiva teatral brechtiniana	53
5 METODOLOGIA	58
5.1 As características da pesquisa	59
5.2 Seleções dos poemas	61
5.3 Sobre a proposta da oficina	62
6 PROPOSTA DO PRODUTO EDUCACIONAL	63
6.1 Sobre o planejamento da oficina	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	82

1 INTRODUÇÃO

A arte é um ato de resistência e de partilha! Resistência a pensamentos limitantes construídos pelo preconceito forjado pela desigualdade social e humana, e partilha de ideias e ações pensadas por pessoas que generosamente se doam por acreditar que a beleza dos seus pensamentos pode de alguma forma salvar este mundo intolerante.

Foi por teimosia mesmo que a obra de Brecht surgiu em minha vida. Desde a época da graduação em pedagogia que, ao invés de me aprofundar em leituras pedagógicas e nos grandes clássicos da educação, insistentemente, desviava-me e lia poesia. Por acreditar que a educação e a arte devem andar juntas, misturando-se e complementando-se de uma forma dialógica, construindo pensamentos e mudando concepções.

Nessa busca, me deparei com textos de Bertolt Brecht¹, foi amor à primeira lida! Fui impactada pela sua profundidade quase ameaçadora e frágil. Mas, infelizmente, por exigência acadêmica, desviei-me e tive que seguir o caminho pré-determinado pelo currículo do curso e o deixei um pouco esquecido em um cantinho do meu coração de artista iniciante.

Mesmo depois de anos que frequentei os bancos da academia e hoje já exercendo a profissão de professora, nunca imaginei que o reencontraria agora como pesquisadora. Pois bem, o tempo passou e a poesia me acompanhou de uma forma impressionante. O que antes eram anseios estudantis, hoje, tornou-se pesquisa, aprofundamento e desejo de que a arte plantada por Brecht floresça e dê frutos conscientes e transformadores. Eis o nosso desafio!

Apesar de ser um nome muito conhecido no mundo inteiro, ainda é pouco explorado. Digo isso por muitos só o conhecerem por frases de efeito, ou por um poema muito difundido em muitos meios de comunicação: “Perguntas de um trabalhador que lê”.

É imprescindível saber que Bertolt Brecht foi um teatrólogo marxista que rompeu paradigmas por entender que a arte deve levar a pensar, e não apenas emocionar ou entreter provisoriamente. Deve rasgar o véu que acinzentava nossas vãs concepções e nos fazer refletir, denunciar, lutar.

Em suas produções, ele se utilizava de temas que permeavam o cotidiano dos trabalhadores e as lutas de classes. Exatamente por achar importante compreender-se como sujeito histórico. Sua poética nos leva a romper conceitos arraigados em nosso ser e que perpassam toda a nossa formação humana. Visto inicialmente pelo rompimento filosófico com

¹ Eugen Bertolt Friedrich Brecht foi um destacado dramaturgo, poeta e encenador alemão do século XX.

o pensamento aristotélico, que separa a poesia da política, algo inviável para a concepção de teatro para Bertolt Brecht.

O teatro aristotélico causava muita empatia entre o público, mas sem reflexão profunda, apenas superficial, afeito a pouco espaço para críticas, ou participação do público, em suma, um teatro mais elitizado. A partir da cisão das ideias de Brecht com as do teatro aristotélico é que se inicia o seu legado artístico, propondo um teatro pulsante, com espetáculos de ideias e levantamento de questões muito pertinentes para a época: a luta de classes.

A “Consciência” é a de classes. E só será adquirida a partir da conscientização dos homens como sujeitos históricos e sociais, na luta pelo bem comum e no engajamento das forças coletivas que resultam na promoção da formação humana. Porém, uma alternativa para essa tomada de consciência, dá-se através dos meios educacionais, pois as massas ainda têm acesso à escola e podem reeducar-se em sociedade.

O único caminho é a educação, utilizando a arte em toda a sua sensibilidade e sentido formativo e político. Como premissa para a compreensão da luta de classes dentro do processo educativo e como entendimento do seu lugar de fala, propomos um mergulho no teatro político de Brecht, sua obra e ideias.

Embora para muitos não seja possível esta receita, por entenderem a educação apenas como um caminho único referendado por convicções medíocres e extremamente seletivas, ocasionando uma educação dualista dividida entre dois grupos: intelectuais e trabalhadores. Ao primeiro grupo, oportunidades de conhecimento, ao segundo, apenas o básico para desempenhar funções trabalhistas, objetivando cada dia mais o acúmulo do capital para a minoria intelectualizada. Aos trabalhadores, apenas a manutenção das funções. Força de trabalho sim, pensar jamais!

Percebendo que a arte vai além do que a nossa vã filosofia permite, Brecht compreende que sua obra só seria realmente completa se empreendesse um ponto crucial na retomada da consciência de classe: O pensar dialético.

A proposta do teatro brechtiniano era pensar para além dos muros da fábrica. Pensar o teatro como uma representatividade dialógica da realidade vivenciada e educativa, levar para o palco a história e a luta de classes, sendo assim, nesta perspectiva de demonstrar os reais contributos pedagógicos da obra de Bertolt Brecht, propomos o presente trabalho.

Nossa busca é analisar a contribuição de sua essência poética e de como ela pode ser trabalhada no contexto da educação profissional e tecnológica (EPT). Uma vez que, em sua concepção, a EPT em seu projeto pedagógico tenciona compreender a ação educativa da formação integral dos estudantes, considerando o trabalho não apenas como ação mecânica

implementada pelo capitalismo, mas como sentido educativo. Sonhando, por que não com uma educação *omnilateral*²?

Pretendemos com a pesquisa mostrar como Bertolt Brecht humaniza os heróis do Olimpo e os transformam em homens comuns escravizados pela burguesia, acorrentados em ideologias arraigadas na sociedade pelo sistema capitalista, que visa apenas o lucro e não vidas. Um teatro real e político, conduzido pelo teatrólogo Piscator³, que envereda pelo caminho da luta de classes de uma Berlim encharcada pelo fantasma do medo e da intolerância sangrenta. Imbuídos por este espírito, propomo-nos a mergulhar neste universo instigante do conhecer. Consideramos difícil, pela importância desse estudo, mas avante iremos.

Nesse intento, a nossa pesquisa nos instiga, sobretudo com uma questão inicial: os poemas de Bertolt Brecht por meio do pensamento dialético poderiam contribuir para o desenvolvimento da formação política de estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI)? De modo a mostrar a importância pedagógica presente em seus escritos e o quanto estes são importantes à formação integrada dos estudantes do ensino médio sob a ótica da *omnilateralidade*, relacionando com as bases teóricas da educação profissional e tecnológica e com a pedagogia histórico-crítica⁴ e seus contributos para a formação humana integral.

Sendo assim, apresentamos de maneira sintetizada, os objetivos específicos desta pesquisa:

- Estabelecer as relações dialógicas entre as poesias de Brecht e as bases da educação profissional e tecnológica, principalmente a categoria trabalho e formação humana integral;
- Empreender um estudo das poesias brechtianas, tendo como categorias de análises principais: a dialética e a mais-valia como componentes da formação política no contexto do EMI;
- Analisar as proposições e os fundamentos das poesias de Brecht, tendo em vista a construção de seus princípios didáticos através da pedagogia histórico-crítica;

² Refere-se a uma formação humana oposta à formação unilateral provocada pelo trabalho alienado, pela divisão social do trabalho, pela reificação, pelas relações burguesas estranhadas, busca a formação completa do homem pelo trabalho produtivo e na vida em sociedade.

³ Erwin Friedrich Maximilian Piscator foi um dramaturgo, diretor e produtor teatral alemão que, junto com Bertolt Brecht, foi um dos expoentes do teatro épico, um gênero que privilegia o contexto sócio-político do drama, e criador do teatro documentário.

⁴ O termo pedagogia histórico-crítica foi cunhado por Dermeval Saviani em 1978 e refere-se a uma perspectiva pedagógica que surge num contexto de busca por saídas teóricas que superassem os limites apresentados pelas teorias crítico-reprodutivistas.

- Elaborar uma proposta de Produto Educacional – PE, no formato de oficina, que aborde questões e/ou temáticas referentes à formação política a partir das poesias de Bertolt Brecht, para ser aplicada em turmas de Ensino Médio Integrado.

Com muita alegria e reponsabilidade, faço um convite para juntos adentrarmos nesta pesquisa, para compreendermos a importância do pensar dialético baseado na consciência de classe. Um mergulho na arte, poesia e educação libertadora! Para isso, dividiremos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, conheceremos um pouco da obra de Bertolt Brecht, contextualizando-a historicamente, seus caminhos e suas referências. No segundo, apresentaremos a contribuição do teatro político para a educação profissional e tecnológica, tendo como princípio, a pedagogia histórico-crítica. No terceiro, traremos, mais especificamente, as peças didáticas de Brecht e seus contributos pedagógicos para a formação política dos estudantes do EMI, como também a importância da formação dos professores sob a visão teatral brechtiniana. Por fim, apresentamos, no último capítulo, a nossa proposta de Produto Educacional, uma parte muito importante na pesquisa, pois implica na parte prática.

Nesse contexto, a priori, a prática seria desenvolvida em forma de oficina, para apresentarmos aos estudantes do EMI, um pouco da obra poética de Brecht. Porém, devido à demora do parecer favorável por parte do comitê de Ética, ficamos sem tempo hábil, e não pudemos executá-la, transformando-se em proposta para ser desenvolvida, a posteriori, por outros professores.

Sendo assim, conheceremos poemas que nos farão refletir sobre a importância de uma educação para a vida. Ancorados em interpretações teórico-metodológicas, e nas bases conceituais da EPT, fundamentalmente: trabalho, ciência, arte, cultura e cidadania, entre outras coisas mais, essa pesquisa apontou para a ausência de publicações sobre a poética de Brecht na área da educação, sobretudo, para a formação humana e integral.

2 OS CAMINHOS DIALÉTICOS DA ARTE DE BRECHT

A rosa vermelha desapareceu.
Para onde foi, é um mistério.
Por que ao lado dos pobres combateu
Os ricos a expulsaram de seu império.
(Brecht, 2019)

As transformações nos meios de produção e as lutas de classes provenientes do capitalismo são a tônica do trabalho do teatrólogo alemão Bertolt Brecht. Este não tinha a preocupação de fazer um teatro esplendoroso, mais sim, revolucionário, que quebrasse paradigmas há muito tempo arraigado nessa arte tão humana.

Sua intenção não era emocionar ou endeusar personagens. Era levar a reflexão, a mudança e o ato revolucionário de lutar por dias melhores. Até porque, a burguesia com o seu poder esmagador, influenciava até o teatro, sobrepujando suas ideias, resultando em apenas valor de troca, ou seja, ao consumo puro e exacerbado. Marx⁵ e Engels⁶ (2011) bem nos mostram isso quando pontuam:

A burguesia desempenhou na História um papel revolucionário decisivo. Onde quer que tenha chegado ao poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Estilhaçou, sem piedade, os variegados laços feudais que subordinavam o homem a seus superiores naturais, e não deixou subsistir entre os homens outro laço senão o interesse nu e cru, senão o frio “dinheiro vivo”. Submergiu nas águas glaciais do cálculo egoísta os frêmitos sagrados da piedade exaltada, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês. Reduziu a dignidade pessoal a simples valor de troca e, em lugar das inumeráveis liberdades estatuídas e arduamente conquistadas, erigiu a liberdade única e implacável do comércio (Marx; Engels, 2011, p. 27).

Infelizmente, a burguesia conseguiu trucidar o que de natural existia nas nossas relações humanas, pois tudo gira em torno do lucro e do desejo de ter sempre mais, ou seja, qualquer ação humana é medida pelo que você tem ou pode conseguir. Com isso, encurralou o homem e o obrigou a se enquadrar a um modelo valorativo. Nem todos conseguem alcançar o padrão

⁵ Karl Marx foi um filósofo, economista, historiador, sociólogo, teórico político, jornalista, e revolucionário socialista alemão.

⁶ Friedrich Engels foi um empresário industrial e teórico revolucionário prussiano, nascido na atual Alemanha, que junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou marxismo.

imposto, causando a exclusão social e consequentemente, a dignidade humana se escoa pelo ralo da ganância comercial. Marx (2001, p. 66) já nos alertava para isso quando dizia: “O trabalhador transformou-se numa mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador. E a procura, à qual está sujeita a vida do trabalhador, é determinada pelo capricho dos ricos e dos capitalistas.”

Não temos aqui a intenção de fazer uma biografia do autor, mas de procurar compreender o quão importante foram suas contribuições para o pensamento contemporâneo. Sua obra é carregada pelas chagas de uma Alemanha completamente tomada pela irracionalidade humana e que serão decisivas para a concepção de pensamento e reafirmação de suas convicções sociais: a primeira guerra mundial, a república de Weimar, a ascensão do nazismo e a segunda guerra mundial. Podemos imaginar como se encontrava esse cenário pelos olhos de Marx e Engels (2010), que bem nos descrevem:

Num país como a Alemanha, onde ainda há tantos restos da Idade Média a eliminar, onde ainda há tanta obstinação local e provincial a quebrar, não se pode tolerar em circunstância nenhuma que cada povoado, cada cidade, cada província ponha um novo obstáculo no caminho da atividade revolucionária, que só pode desenvolver toda a sua força a partir do centro. – Não se pode tolerar que se renove o estado de coisas atual, em que os alemães precisam lutar por um só e mesmo progresso em cada cidade, em cada província separadamente. Mas o que de forma alguma se pode tolerar é que seja perenizada, mediante uma assim chamada Constituição comunal livre, uma forma de propriedade que fica aquém até da moderna propriedade privada e que, em toda parte, necessariamente acaba resultando nisto: a propriedade comunal e as desavenças dela resultantes entre comunas pobres e comunas ricas, bem como a vigência paralela de direito civil nacional e direito civil comunal com suas artimanhas contra os trabalhadores (Marx; Engels, 2010, p. 72-73).

É muito importante frisar que o diferencial na obra de Brecht foi a sua vivência, impressa em seus escritos. Tudo o que ele escrevia tinha relação com o que ele vivia e acreditava. O seu país vivia uma conturbada fase política e ideológica, e lutar contra isso não era apenas uma decisão pessoal, mas uma obrigação como artista.

Para isso, tornou seu pensar e fazer teatral dialético, não mais romantizado ou divertido, mas com fins de reflexões e tomadas de decisões. Elevando a condição humana em sua obra como um vir a ser e não mais como imutável, mas historicizada e reflexiva. Seus espetáculos não causavam só comoção ou identificação, expunham nossa condição de imperfeição e adaptação ao meio social, podemos perceber isso na fala de Gobbe (2016):

E é dentro da perspectiva realista, embasada no marxismo, que suas peças ganham questionamentos necessários para os tempos do capital. A obra brechtiana marca, definitivamente, a historicização do teatro, que, se antes, com raras exceções, divertia,

somente a partir de Brecht, acrescentou também aspectos reflexivos sobre a condição de vida dos proletários (Gobbe, 2016, p. 55).

Essa arte transgressora de Brecht rompia modelos há muito arraigados desde a origem do teatro e não se sabe ao certo onde começou, mas apareceu primeiramente na Grécia, mais precisamente, em Atenas, no final do século VI A.C. Segundo Heliadora (2008, p. 15), os gregos foram os pioneiros não só na difusão do teatro, mas também na difusão da poesia, filosofia e política, que nasceram bem antes da arte da dramaturgia. Como ela mesma afirma, os gregos tiveram uma cultura maravilhosa, rica em todas as artes; dois dos poemas épicos mais famosos do mundo, a *Íliada* e a *Odisséia*, foram atribuídos a Homero, uns trezentos anos antes de o teatro aparecer, com a poesia lírica, a prosa, e principalmente, a política, atingindo altos níveis bem antes da dramaturgia.

Inicialmente, as apresentações teatrais tinham como propósito a exaltação aos deuses, e eram feitas a partir de um coral com centenas de homens em coro narrando as aventuras e grandes feitos das divindades gregas. Porém, dentre eles, apenas um tinha um destaque em seu figurino e propositalmente nas falas, ao qual era chamado Corifeu. Certo dia, Thespis, um corifeu bem famoso, em vez de em sua fala dizer que “Dionísio fez”, ele assumiu o papel e disse: “Eu fiz”, transformando-se no primeiro ator (aquele que age). Tornando a atuação uma ação real proposta por aquele que realiza uma ação, tornando a função teatral, além do entretenimento, em função social.

Apesar de o teatro imprimir ações realizadas pelo homem em suas relações com o mundo, mesmo assim, em um determinado ponto, essa ação sofre uma separação abrupta por meio da poética aristotélica, que passa a separar a poesia da política como ações antagônicas, valorizando em suas peças a imitação da natureza. Um teatro mais voltado a personagens fixados nas tragédias humanas, em que os heróis agiam para sempre vencer, mesmo depois de muitas intempéries.

Já os vilões, personagens maldosos e que sempre desejam a vida dos mocinhos a todo custo. Acabou o espetáculo, fecham-se as cortinas e o público vai embora sonhando em ser um herói e nunca será... Sua proposta, como artista consciente do seu papel como formador de opinião, era incutir uma reflexão a cada espetáculo, popularizando-o. Mostrando possibilidades de luta pelo viés da arte. Arte proletária, pura, real e, sobretudo, possível.

Vocês, artistas que fazem teatro
Em grandes casas, sob sóis artificiais
Diante da multidão calada, procurem de vez em quando
O teatro que é encenado na rua.

Cotidiano, vário e anônimo, mas
 Tão vívido, terreno, nutrido da convivência
 Dos homens, o teatro que se passa na rua.
 Aqui a vizinha imita o proprietário, deixa claro
 Demonstrando sua verbosidade
 Como ele busca desviar a conversa
 Do cano d'água que arrebentou. À noite nos parques
 Rapazes mostram a garotas risonhas
 Como elas resistem, e resistindo
 Mostram habilmente os seios. E aquele bêbado
 Mostra o pastor em sua prédica, remetendo
 Os despossuídos
 Aos ricos pastos do paraíso. Como é útil
 Esse teatro, como é sério e divertido
 E digno! Não como papagaios e macacos
 Imitam eles, apenas pela imitação em si, indiferentes
 Aos que imitam, apenas para mostrar
 Que sabem imitar bem; não, eles têm
 Objetivos à frente. Que vocês, grandes artistas
 Imitadores magistrais, não fiquem nisso
 Abaixo deles. Não se distanciem
 Por mais que aperfeiçoem sua arte
 Daquele teatro cotidiano
 Cujo cenário é a rua (Brecht, 2019, p. 235).

De uma forma muito incisiva, sobretudo rebelde, Brecht rompe com a imitação proposta por Aristóteles e propõe um teatro que leva a pensar a realidade vivida e não sonhada. Uma arte que foge do padrão pré-estabelecido pela cultura imposta pela burguesia, que pretende afastar o povo dos espaços públicos, marginalizando a arte que emana do meio dela. Na próxima sessão, propomos um mergulho nas obras conceituais de Karl Marx que ajudaram Brecht na construção da sua obra.

2.1 “Trabalhadores, uni-vos!” O teatro marxista de Bertolt Brecht

Fôssemos infinitos

Tudo mudaria

Como somos finitos

Muito permanece

(Brecht, 2019).

Os modos de produção muito desiguais desenhados pelo capitalismo fazem a tônica de toda a obra de Brecht. Seu interesse era unir a arte do teatro com as agruras reais vividas pela grande parte da população, vítima das desigualdades sociais e da exploração do trabalho oriundas do capitalismo.

Vislumbrando uma luta de classes por meio da reflexão e do diálogo, ocasionando o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária, podemos perceber que desde a antiguidade, a questão econômica nos acompanha, desenhando nossa própria condição humana:

No mundo antigo, como também na Idade Média, a primeira forma da propriedade é a propriedade tribal, condicionada principalmente entre os romanos pela guerra e entre os germanos pela pecuária. Entre os povos antigos, com várias tribos coabitando em uma mesma cidade, a propriedade da tribo aparece como propriedade de estado, e o direito do indivíduo a essa propriedade aparece como um simples possesso que, no entanto, se limita, aliás a exemplo da propriedade tribal, apenas à propriedade fundiária. A propriedade privada, propriamente dita, começa, entre os povos antigos como entre os modernos, com a propriedade mobiliária (Marx; Engels, 2011).

Com isso, condições de favorecimento de pequenos grupos detentores de renda foram se estabelecendo, causando empobrecimento e exploração, e conseqüentemente, a necessidade da venda da força de trabalho. O sistema feudal não era mais compatível com o aumento desses grupos. Sendo assim, nasce a burguesia e com ela, as fontes nefastas do lucro exagerado. Compreendendo que a ação de troca de mercadorias não favorecia a economia, e já não se sustentava como modelo econômico, o poderio e rudeza dos senhores feudais caem por terra, abrindo espaço para o progresso disfarçado da moeda, surge, então, o individualismo e com ele, o capitalismo. Engels vem nos esclarecer como surgiu:

Antes de sobrevir a produção capitalista, isto é, na Idade Média, dominava, com caráter geral, a pequena indústria, baseada na propriedade privada do trabalhador sobre os seus meios de produção: no campo, a agricultura corria a cargo de pequenos lavradores, livres ou vassallos; nas cidades, a indústria achava-se nas mãos dos artesãos. Os meios de trabalho — a terra, os instrumentos agrícolas, a oficina, as ferramentas — eram meios de trabalho individual, destinados unicamente ao uso individual e, portanto, forçosamente, mesquinhos, diminutos, limitados. Mas isso mesmo levava a que pertencessem, em geral, ao próprio produtor. O papel histórico do modo capitalista de produção e do seu portador a burguesia — consistiu precisamente em concentrar e desenvolver esses dispersos e mesquinhos meios de produção, transformando-os nas poderosas alavancas produtoras dos tempos atuais (Engels, 2008).

O capitalismo advém numa busca frenética pela acumulação dos bens de forma severamente desigual, assim, os mais ricos continuaram a reter esses lucros e a dominar o mercado, e os mais pobres se viram na obrigação de vender sua força de trabalho por valores injustos, tornando-os um bem qualquer, passível à troca a qualquer momento. Para essa troca

injusta, Marx chama de “mais-valia”, pois o trabalhador entrega a sua força de trabalho de forma total, mas apenas recebe um valor pago inferior ao que ele entregou ao patrão, tornando essa venda injusta apenas para o lado mais fraco: o do trabalhador.

O excedente do trabalho não pago se transforma em riqueza para o patrão e desgraça para o trabalhador, que se torna dependente do trabalho para ter uma renda, além de corresponder às expectativas da fábrica e não perder sua vaga. Isso aumenta a procura por trabalho, e diminui a oferta, tornando desleal a contratação. A conta não fecha! A exploração se estabelece às custas da desgraça alheia. Como bem nos diz Marx (2001), se a oferta é muito maior que a procura, parte dos trabalhadores caem no abismo do capitalismo, pois se veem obrigados a reduzir-se a mercadoria moldável por qualquer valor, sua força de trabalho é reduzida a preços muito inferiores, ocasionando a escravização e aprisionamento humano proveniente do capitalismo selvagem.

E foi Marx que apontou o dedo direto na ferida social que jazia a sangrar! Dando voz aos “renegados” do sistema, trouxe à tona uma discussão muito importante para a época: a luta de classes. Por entender ser a partir daí o caminho para as transformações sociais necessárias a uma revolução na sociedade vigente.

A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens nem na ideia que eles façam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca; devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata. Quando nasce nos homens a consciência de que as instituições sociais vigentes são irracionais e injustas, de que a razão se converteu em insensatez e a bênção em praga, isso não é mais que um indício de que nos métodos de produção e nas formas de distribuição produziram silenciosamente transformações com as quais já não concorda a ordem social, talhada segundo o padrão de condições econômicas anteriores (Engels, 2008, p. 91).

O esforço de esboçar um pouco das lutas travadas por classes distintas, em meio ao turbulento ditame do capital, e também de como ele sorrateiramente se instalou em nosso meio, propositalmente, deve-se ao fato de articular essas ideias ao legado artístico de Brecht, o qual trouxe aos palcos essa discussão que acontecia nos guetos, para tomar parte em seus escritos.

Para ele, a arte não deve se dissociar da realidade vivida, deve ser parte integrante, sem protagonismos, apenas nos levar a perceber que devemos ser conscientes do nosso papel social de revolucionário! A teoria marxista trouxe um novo olhar para seu teatro inquieto, o vermelho

do sangue derramado pelos soldados na guerra trouxe o rubor da indignação causada pela exploração humana, a tinta da sua pena descrevia a desumanização que o capital tem nos transformado, tornando-nos insensíveis, marionetes do sistema, mercadoria!

Como nos mostra Marx (2001):

[...] o homem necessita da cultura para tornar-se cada vez mais humano, necessitando de tempo livre para o lazer e a fruição de ideias para desenvolver a criatividade. Em suma, o homem precisa consumir arte e não se tornar escravo de um corpo mecanizado pela fábrica (Marx, 2001).

Esse se torna o grande diferencial na obra de Brecht, proporcionar aos trabalhadores momentos de fruição da arte, não apenas para entreter, mas sim, para levar a reflexão e a consciência de classe, de forma a romper com as amarras do capitalismo para lutar por dias menos cinzas.

O próprio Marx (2004) vem nos esclarecer quando diz que uma classe oprimida é a condição vital de toda sociedade fundada no antagonismo entre classes. A libertação da classe oprimida implica, pois, necessariamente, a criação de uma sociedade nova. Para que a classe oprimida possa libertar-se, é preciso que os poderes produtivos já adquiridos e as relações sociais existentes não possam mais existir uns ao lado de outras. De todos os instrumentos de produção, o maior poder produtivo é a classe revolucionária mesma. A organização dos elementos revolucionários como classe supõe a existência de todas as forças produtivas que poderiam se engendrar no seio da sociedade antiga.

Tendo em vista que, quanto mais vende sua força de trabalho, mais dependente o homem fica do capital, propositalmente, isso será muito positivo ao sistema. A exaustão provoca cansaço não só físico, mas também mental, sem força para pensar, o homem se torna cada vez mais escravo do trabalho. Aquela velha máxima: “seduziste-me e me deixei seduzir”.

Ao sistema sedutor, não interessam homens com consciência, apenas quem possa lhe dar lucro. Pouco importa seu bem-estar, só interessa o lucro e nada mais. Conforme nos assinala Marx (1986):

O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, e a ele cabe assegurar que o trabalho seja desenvolvido de maneira apropriada e adequada aos meios de produção, a exploração desta força de trabalho gera lucro. Mesmo desumanizando, é necessário garantir que não haja desperdício de materiais, porque a força de trabalho é substituível (Marx, 1986).

A obra de Karl Marx é o esteio da arte de Brecht, pois o influenciou a quebrar paradigmas de um teatro burguês, feito apenas para distrair as massas. Sua arte levava a pensar,

integrando a *práxis*, pois os temas emergiam do povo e para o povo. Influência não só nas peças teatrais, mas também em sua poesia. Revolucionando a forma de fazer teatro no ocidente.

Uma contribuição na tentativa de transformar a sociedade mais justa para todos. Assim, Althusser (1968) ressalta: “Brecht não era filósofo, dir-se-á, e os professores de filosofia não vão buscar em Brecht lições de filosofia”. Por quê? Porque ele não escreveu um livro de filosofia, ele não elaborou um sistema filosófico, nem tinha um discurso teórico filosófico.

O próprio Brecht afirmava que era leigo em filosofia. Os professores de filosofia não têm razão, pois Brecht compreendeu muito bem o essencial da revolução filosófica de Marx. Ele a compreendeu em estado prático, não como um discurso teórico, mas como chamarei de sua prática teatral. Brecht não fala nunca de prática teatral, mas sempre de mudanças na técnica teatral.

A arte dialética de Brecht é tão combatida pela burguesia, porque ela leva a pensar, a refletir o porquê da condição de explorado e o melhor, de lutar para que essa exclusão seja amenizada de forma consciente. Lutar pelos direitos é um ato subversivo, por isso, o capitalismo luta veementemente para se infiltrar nos movimentos artísticos, a fim de anestesiar os sentidos, ou de alienar discursos.

Na próxima sessão, veremos a influência do teatro político de Piscator, um nome muito importante na construção da obra de Brecht.

2.2 Poéticas Políticas: de Piscator na Alemanha a Augusto Boal no Brasil

Os maus temem tuas garras.

Os bons se alegram de tua graça.

Algo assim

Gostaria de ouvir

Do meu verso

(Brecht, 2019).

O século XX se afirmou como a época mais fervorosa para o teatro no Ocidente. Podemos observar isso pela efervescência artística que surgia apesar dos tempos difíceis que a própria história nos aponta como “Novas eras”:

As novas eras não começam de uma vez
 Meu avô já vivia no novo tempo
 Meu neto viverá talvez ainda no velho.
 A nova carne é comida com os velhos garfos.
 Os carros automotores não havia
 Nem os tanques
 Os aeroplanos sobre nossos tetos não havia
 Nem os bombardeios.
 Das novas antenas vêm as velhas tolices.
 A sabedoria é transmitida de boca em boca (Brecht, 2019, p. 294).

Apesar de viver essa efervescência artística, a Alemanha vivia um misto de conservadorismo exacerbado ocasionado pela nova ordem dos fatos históricos, que a transformavam no país da truculência e de um fazer teatral iminentemente progressista. De um lado, vivia-se o massacre da burguesia ao proletariado, e no limiar da barbárie, a arte se apresentava como um sopro de esperança em meio ao caos, como bem nos mostra Costa (2005).

Não é por acaso que Berlim, nos anos de 1920, tornou-se a capital cultural mundial. Pode-se afirmar, portanto, que um processo de duplo vínculo surgiu em solo germânico no pós-guerra. Por um lado, um ferrenho conservadorismo, que tomou a violência e o assassinato como formas de conduta, por outro, um processo de criação artístico-cultural bastante amplo, que lançou ao mundo a base cultural do século XX.

Os movimentos artísticos vão se estabelecendo como movimento político e os espetáculos tomando uma proporção diferente. A arte não servia apenas para encantar, ela agora trazia em seu cerne uma proposta denunciadora, reflexiva e revolucionária. E foi no teatro que o nome de Brecht se destacou.

Contemporâneo seu, surge um nome de destaque frente a esse movimento teatral revolucionário: Erwin Piscator (1893–1966), que antecede Brecht, e traz com ele um teatro vigoroso e questionador, baseado nas experiências e vislumbrando a superação do individualismo causado pelo capitalismo.

Mas se o seu trabalho foi predominantemente o de um experimentador, de um prático, Piscator tinha, no entanto, um tal saber da realidade e um tal desejo de a modificar que perseguiu, coerentemente, ao longo de toda a sua vida, um projecto multifacetado de “teatro político” (teatro de actualidade/teatrodocumento ou Zeitheater, teatro épico, teatro de luz viria a revelar um dos caminhos (em aberto) de maior posteridade na redefinição do teatro ocidental de entre as duas Guerras. Desse projecto de “teatro

político”, constituído por experimentações, contradições e fracassos, nasceria o novo teatro alemão e nele teriam origem, igualmente, muitos dos fundamentos do teatro do seu contemporâneo Bertold Brecht (Vasques, 2009).

E complementa Konder (1996):

Piscator na época já defendia o encenador como um servidor não do texto, mas, sim, expositor de seu tempo: só assim conseguirá fixar o ponto de vista que possui em comum com as forças decisivas e determinantes da essência de sua época. Para Piscator o texto não é algo de definitivo e rígido, mas, sim, inserido no mundo, que cresce com o tempo, adquire novos significados e assimila novos conteúdos. Para Brecht o problema é descobrir a verdadeira originalidade da tradição e restituir sua função real, reconstituída em seus contornos originais “históricos” precisos. Neste sentido, a teoria de historicização dos clássicos, em Brecht, está bem mais próxima das formulações sobre o condicionamento histórico da arte em Marx (Konder, 1996).

Dando visibilidade as agruras da época e trazendo à tona discussões muito caras à reflexão das massas, o teatro épico trouxe aos palcos uma arte mais real, tendo suas bases no materialismo histórico dialético sob a perspectiva do viés político! Não apenas do político partidário, mas sim, a política do fazer humano.

Criticando sua época, apontando responsabilidades que o tornavam muito mais realista, uma arte que emanava do povo, sobretudo, criada a partir da visão crítica dos clássicos que não foram esquecidos ou queimados. Contudo, estes merecem um novo olhar e uma leitura crítica e reflexiva. Bornheim (1992) foi muito direto ao ponderar que o ponto de partida no pensamento de Piscator foi o rompimento com expressões normativas do teatro como a imitação. Ele trouxe à tona a politização no pensamento e espetáculos, culminando em um teatro mais crítico e voltado para todos. São eles: teatro proletário (foi a primeira denominação utilizada por ele), teatro popular, teatro de tendência (ele emprega a palavra *tendenz*) e teatro político. A primeira expressão foi logo esquecida, mas as três outras fizeram-se correntes na linguagem de Piscator.

Uma nova sociedade era sonhada e mostrada a partir das encenações, numa proposta realista socialista que os atores se propunham a empreender em seus espetáculos, como também na escrita das peças e também em suas teorias teatrais. No caso de Brecht, ele escreveu diversas peças e livros, como também muitas poesias, nos quais discorre sobre temas muito importantes para a construção do teatro, política e pedagogia para a arte ocidental e que perduram até hoje, um esperançoso com as coisas do mundo.

Um idealista utópico, Erwin Piscator, também deixou sua marca na história do teatro ocidental, empreendeu espetáculos que envolvem outras formas de arte, como o cinema e a fotografia, escreveu uma obra prima em forma de manifesto artístico, o teatro político, o qual

nos apresenta um teatro mais político em sua gênese, levando-nos a relacionar com a arte em nosso cotidiano.

Todos gostam de arte, só não a conhecem ou convivem com sua experiência sensível na forma de perceber o mundo. O sistema capitalista desumaniza e nos afasta de tudo que pode nos trazer essa humanidade de volta, a arte que nos religa ao nosso ser político. Vejamos um trecho:

Era prematura a ideia de se erigir a arte em fator político, e dela fazer um meio artístico em favor do movimento proletário. Para isso a época não estava amadurecida. Devíamos contentar-nos em unir dois fatores tão eminentemente importantes sob o ponto de vista social: o teatro e o proletariado. Pela primeira vez, já não em pequenos grupos, individualmente, senão em massa organizada e fechada, surgiram como consumidores de arte as camadas proletárias. Até verificar-se a fusão, as duas associações – a Cena Popular Livre e a Nova Cena Popular Livre – tinham aglomerado 80.000 sócios, o que demonstra claramente a capacidade de assimilação cultural da massa de operários, contra a teoria do “povo inculto” difundida pelas classes dominantes (Piscator, 1968, p. 43).

Vasques (2009) também nos demonstra tudo isso quando diz:

Por tudo isto, como bem explica em Teatro Político, a palavra “arte” foi apagada dos seus programas. Os seus espectáculos tornaram-se “Manifestos” com o objectivo de “fazer política” e não “divertimento” para a “classe burguesa” que ele tinha, aliás, de ajudar a combater! Apesar deste programa de acção revolucionária, Piscator era sobretudo um idealista, como a persistente história de utopias e fracassos comprovará ao longo sua vida (Vasques, 2009, p. 8).

Nomes de muita força para um novo fazer teatral no ocidente e que a contra gosto não esperavam que suas obras se tornassem legados, Piscator e Brecht são sem dúvida um oásis em meio ao mundo caótico em que viveram.

Seus fazeres teatrais resgataram não só a dignidade humana, mas na dureza desumana quebravam paradigmas enraizados não só no coração, mas no pensamento. Épicos, porque desnudaram uma época e o seu sistema vigente, humanizaram heróis e trouxeram a arte para o seu lugar de origem: o seio do povo! Vejamos o quanto a questão do conhecimento foi tão importante para Brecht, que procurou implementar teorias às técnicas teatrais:

Quadro 1: Diferenças entre as chamadas formas “dramáticas” e “épicas” de teatro, segundo Brecht- quadro tomado do prefácio de Mahogony e de outros escritos

A chamada forma “dramática” segundo Brecht- poética idealista	A chamada forma “épica” segundo Brecht- poética marxista
1. O pensamento determina o ser (personagem-sujeito);	1. O ser social determina o pensamento (personagem-objeto);

2. O homem é dado como fixo, imanente, inalterável, considerado como conhecido;	2. O homem é alterável, objeto de estudo, está “em processo”;
3. O conflito de vontades livres move a ação dramática; a estrutura da peça é uma estrutura de vontades em conflitos;	3. Contradições de forças econômicas, sociais, oi políticas movem a ação dramática; a peça se baseia em uma estrutura dessas contradições;
4. Cria a empatia, que consiste em um compromisso emocional do espectador que lhe retira a possibilidade de agir;	4. Historiciza a ação dramática, transformando o espectador em observador, despertando sua consciência crítica e capacidade de ação;
5. No final, a <i>cartase</i> purifica o espectador;	5. Através do conhecimento, o espectador é estimulado à ação;
6. Emoção;	6. Razão;
7. No final, o conflito se resolve na criação de um novo esquema de vontades;	7. O conflito não se resolve, e emerge com maior clareza a contradição fundamental;
8. A harmonia faz com que o personagem não se adapte à sociedade e é a causa principal da ação dramática;	8. As falhas que o personagem possa ter pessoalmente (<i>harmatias</i>) não são nunca a causa direta e fundamental da ação dramática;
9. A <i>anagnorisis</i> justifica a sociedade;	9. O conhecimento adquirido revela as falhas da sociedade;
10. A ação é presente;	10. É narração;
11. Vivência;	11. Visão do mundo;
12. Desperta sentimentos.	12. Exige decisões.

Fonte: Augusto Boal (2019, p. 110 -111).

A partir da observação do quadro acima, podemos observar a importância do fazer teatral desde a cisão com o teatro aristotélico baseado apenas na imitação. O teatro político leva o homem a pensar a partir das suas vivências, passando a valorizar a arte como uma ação cotidiana pautada na criticidade. Vimos à importância da obra de Piscator e suas influências na condução de uma nova forma de pensar o teatro, agora, veremos o quanto essa ação teatral deu origem a novos pensamentos: o teatro do oprimido.

O homem é um ser político e necessariamente todo teatro deveria ser. Mas, não identificávamos isso até a popularização do teatro de Brecht, que se apresentava como uma arma contra a barbárie, a desumanização do capitalismo e as mazelas acarretadas por ele.

Não por ter receita ou técnicas diferenciadas, mas por perceber e valorizar a politização através dos enredos reais, por entender que a arte é um direito do povo de se perceber gente e capaz também de fazer arte. Para Boal (2019), o capitalismo e consequentemente o mercado globalizado nos afasta da nossa humanização, provocando uma postura individualista e insensível. É necessária uma posição filosófica, política e social para não desviarmos desse ideal humanístico: a ação! Não podemos flutuar acima da Terra na qual vivemos, procurando

cosmicamente compreender as razões de todos e procurando a todos justificar, aos que exploram e aos que são explorados, aos senhores e aos escravos.

Nasce assim, o teatro do oprimido proposto por Augusto Boal, que retoma as ideias de Brecht e aplica de uma forma mais atualizada, utilizando os jogos teatrais. É importante lembrar que, quando falamos em “oprimido”, não há relação com situação econômica, mas com opressão do sistema capitalista.

Sistematizado desde a década de 1970, baseado em técnicas que variam desde a aplicabilidade de ações no combate a opressão e pela consciência de classes, pois, segundo Boal (2019), a arte tem se tornado coercitiva, distanciando-se do seu objetivo primordial: para liberdade! Desde os primórdios, o teatro primava pela livre representação, sem espaços fechados ou divisões intelectuais, era do povo para o povo. Porém, a burguesia se apropria dessa arte para burilar a divisão de classes e consequentemente impor o que pode ou não ser apresentado em grandes espaços, e principalmente frequentá-los, segregando a arte e impondo sua etiqueta funesta de doutrinação.

O teatro do oprimido é a volta do teatro para o povo e com o povo, sem muros ou limitações. Liberdade e participação para refletir a partir das suas vivências. É trazer o teatro para o espaço de origem: o seio do povo. “O povo oprimido se liberta. E outra vez conquista o teatro. É necessário derrubar muros! Primeiro, o espectador volta a representar, a atuar” (Boal, 2019, p. 127).

O teatro do oprimido desenvolvido por Augusto Boal busca apresentar técnicas teatrais baseadas nas vivências dos participantes, buscando ir além do palco, estendendo-se para além das fronteiras dos textos decorados, mas que sirva para a vida, mostrando que a arte vai mais além e está na capacidade de perceber-se no mundo e com o mundo, transformando-o e criando raízes culturais e mais humanas.

Para melhor ilustrar os caminhos do teatro do oprimido, Boal utiliza-se de uma metáfora representada por uma árvore, que ele chama de “Árvore do Teatro do Oprimido”. A árvore tem um significado muito propício a nossa discussão sobre o teatro. Acreditamos que para Boal também. Dar flores, sementes e frutos na transformação de realidades e concepções com arte e sensibilidade.

Segundo Boal (2019, p. 16), que nos responde:

[...] o teatro do oprimido, em todas as suas formas, busca sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras – “Não basta interpretar a realidade: é necessário transformá-la!” — disse Marx com admirável simplicidade.

A arte pode sim transformar a nossa realidade, pois desperta em nós a sensibilidade e compreensão da nossa condição de explorados por um sistema capitalista desumanizador. A opressão não se caracteriza apenas por condição financeira, mas principalmente por se deixar oprimir sem luta, sem questionamento. Veremos no próximo capítulo a importância da arte para o despertar dos nossos jovens na escola. Avante!

3 HISTORICIZAR É PRECISO: O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO COMO POSTURA EPISTEMOLÓGICA.

O que apenas imita, que nada tem a dizer
Sobre aquilo que imita, semelha
Um pobre chimpanzé que imita seu treinador
fumando
E nisso não fuma. Pois nunca
A imitação irrefletida
Será uma verdadeira imitação
(Brecht, 2019).

Por muito tempo, nossa história foi construída sob o aspecto da imitação, fabricando vultos inalcançáveis de uma realidade muito distante de nós. As nossas posturas epistemológicas, que balizavam a nossa visão histórica, eram pautadas em fenômenos que não se preocupavam com uma realidade possível e construída pelas nossas vivências materiais, e não apenas como fenômenos isolados.

Como cita Brecht no poema acima, “A imitação irrefletida” não pressupõe reflexão, apenas repetição. É partir da compreensão das mudanças sociais e refletir profundamente sobre elas ao longo da história, e do modo como elas afetam a vida da classe trabalhadora, que embasará, de forma real, os estudos históricos e não apenas em fatos fragmentados ou superficiais. Uma história irrefletida, sem a totalidade dos fatos. A história, portanto, é uma luta de contrários movida pelo imanente conflito da realidade (Severino, 2017).

O materialismo histórico-dialético distingue-se das demais correntes filosóficas, porque considera como a única realidade possível a história pautada pelos aspectos materiais, sendo instrumento da dinamicidade dos sujeitos, sua não-linearidade compreende e ao mesmo tempo transforma-se, sendo determinante na construção dos conceitos.

Eric Hobsbawm (2009) nos aponta as desigualdades da história quando diz:

A história do nosso período é, portanto, desigual. Ela é basicamente a do maciço avanço da economia do capitalismo industrial em escala mundial, da ordem social que ele representou, das ideias e credos que pareciam legitimá-lo e ratificá-lo: na razão, ciência, progresso e liberalismo. É a era da burguesia triunfante, embora a burguesia europeia ainda hesitasse em assumir uma ordem política pública (Hobsbawm, 2009).

De acordo com Gil (2008), o conceito de dialética é bastante antigo. Platão utilizou-o no sentido de arte do diálogo. Na Antiguidade e na Idade Média, o termo era utilizado para significar simplesmente lógica. A concepção moderna de dialética, no entanto, fundamenta-se em Hegel. Para esse filósofo, a lógica e a história da humanidade seguem uma trajetória dialética, nas quais as contradições se transcendem, mas dão origem a novas contradições que passam a requerer solução. Porém, Karl Marx e Friederich Engels foram mais além e questionaram-na, apresentando as bases materialistas em detrimento simplesmente das ideias. Pois que, a sociedade é o resultado da organização dos meios de produção e da luta travada entre exploradores e explorados.

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (Marx, 1968).

Coube ao materialismo, por meio das ideias de Karl Marx, dar voz aos “esquecidos” da história, quando trouxe para a discussão filosófica a luta de classes e todas as implicações sociais que essa parcela populacional sofria; considerando suas agruras e transformações, mostrando um percurso importante para a sua emancipação, através das revoluções sociais, ou seja:

A concepção materialista da história parte da tese de que a produção, e com ela a troca dos produtos, é à base de toda a ordem social; de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas, é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos. De conformidade com isso, as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas não devem ser procuradas nas cabeças dos homens nem na ideia que eles façam da verdade eterna ou da eterna justiça, mas nas transformações operadas no modo de produção e de troca; devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata. Quando nasce nos homens a consciência de que as instituições sociais vigentes são irracionais e injustas, de que a razão se converteu em insensatez e a bênção em praga, isso não é mais que um indício de que nos métodos de produção e nas formas de distribuição produziram silenciosamente transformações com as quais já não concorda a ordem social, talhada segundo o padrão de condições econômicas anteriores. E assim já está dito que nas novas relações de produção têm forçosamente que conter-se — mais ou menos desenvolvidos — os meios necessários para pôr fim aos males descobertos. E esses meios não devem ser tirados da cabeça de ninguém, mas a cabeça é que tem de descobri-los nos fatos materiais da produção, tal e qual a realidade os oferece (Engels, 2008, p. 91).

Ousamos aqui esboçar um breve relato sobre a importância do materialismo histórico-dialético na construção das ideias filosóficas que permearam a compreensão das lutas travadas pelas classes antagônicas. As ideias de Marx deram margem para essas discussões e a compreensão da exploração do trabalho ocasionada pelo capitalismo, mostraram também que só a união, pautada na reflexão, pode salvar a classe trabalhadora da exploração, a união de ideias.

Além disso, o reflexo da exploração se apresenta na alienação do trabalho, através do distanciamento da cultura, pois a arte emana do povo, e a partir do momento que o faz distrair as ideias e o faz pensar, pode ocasionar prejuízo à produção. Marx (2001) já alertava que para o capitalismo, homens alienados são mais lucrativos, e perder tempo com cultura e lazer traz prejuízos à mão de obra. “Uma nação que procura desenvolver-se espiritualmente com maior liberdade não pode continuar vítima das suas necessidades materiais, escrava de seu corpo. Acima de tudo, precisa de tempo livre para criar e usufruir cultura.”

No burilar das ideias marxistas, vem a nós o desejo de articular a poética de Brecht como um oásis que precisa ser habitado por todos nós, posto que, ele bebe na fonte do marxismo e sua poesia tem o mesmo inimigo comum: o capitalismo.

Para isso, é necessário romper com a velha forma de fazer arte para apenas entreter, ou se identificar com heróis inalcançáveis. É hora de trazer para o palco a luta de classe, de uma forma pedagógica, a fim de instruir as massas sobre sua condição de explorados para a formação de uma nova sociedade pensante.

Conforme nos assevera Koudela (1991):

O teatro, espaço mediador entre o espectador e o mundo, é colocado a serviço de uma verdadeira pedagogia social: interrogando-se diante das contradições de uma realidade que a cena já não lhe apresenta mais como evidente, mas sim como passível de ser transformada, o espectador se prepara para agir sobre o mundo e modifica-lo. Tornando-se sujeito de si, passando a pensar pelas suas próprias concepções e vivências (Koudela, 1991).

O teatrólogo alemão empreende em suas peças um novo olhar sobre a arte, desmascarando o teatro burguês e suas velhas teorias, trazendo à tona como eram tratadas as questões de seu tempo. Com ele nasce a concepção de um teatro dialético, sem propósitos anestésicos ou cômicos, com função subversiva da realidade vivenciada, ou seja, ao participar de suas apresentações, o telespectador se transporta para o palco e se identifica com o texto, refletindo e dialogando.

Ao invés de observador, passa a ser sujeito da ação teatral, saindo de lá reflexivo de que a condição humana não é imutável, mas pode sim, ser múltipla e historicizada. Como bem nos assevera o próprio Brecht (1967):

Sabe-se que a transformação radical do teatro não pode ser o resultado de nenhum capricho artístico. Tem de simplesmente corresponder ao todo da transformação radical de mentalidade em nosso tempo. Os sinais dessa transformação são bastante familiares, e até aqui têm sido vistos como sintomas de doença (Brecht, 1967, p.41).

Há algum motivo para isso, pois, naturalmente, a primeira coisa que se percebe são sinais de declínio em tudo o que é velho, mas seria errado ver, nesses fenômenos, o chamado *amerikanismus*, por exemplo, nada mais do que mudanças doentias estimuladas pela atuação de influências realmente novas no corpo idoso de nossa cultura.

Também seria errado tratar essas novas ideias como se não fossem ideias ou nenhum tipo de fenômeno mental, erguendo o teatro contra elas como uma espécie de bastão da mente. Ao contrário, é precisamente o teatro, a arte e a literatura que têm de formar a “superestrutura ideológica” para uma reformulação prática, sólida, da maneira de viver da nossa época”.

Compreendendo que a poética dialógica de Brecht pode nos levar a refletir sobre as nossas ações enquanto seres humanos, nos levando a pensar sobre a nossa condição de explorados pelo sistema capitalista, veremos, em nossa próxima seção, como a sua poesia pode contribuir para a formação humana integral na escola. Para isso, mergulharemos na fonte da pedagogia histórico-crítica como proposta político-pedagógica no enfrentamento dessas questões tão caras a nossa formação escolar.

3.1 A poética de Brecht e sua contribuição para a formação humana integral

A árvore que não dá frutos
É xingada de estéril. Quem
Examina o solo?
O galho que quebra
É xingado de podre, mas
Não havia neve sobre ele?

(Brecht, 2019).

Iniciamos este capítulo com essa provocação poética de Brecht sobre a esterilidade, que, de uma forma muito intencional, chama a nossa atenção sobre questões estruturais na sociedade, questões fundamentais na formação integral do homem e que urge serem discutidas na escola. É muito interessante perceber a intencionalidade de suas palavras ao mencionar que essa esterilidade está latente no povo a partir da falta de reflexão sobre a sua condição de explorado, que aos olhos da burguesia é muito mais fácil acusar, diminuir a sua dignidade humana, para assim, coisificá-lo a mera massa de manobra.

Observamos a presença dessa ação estéril nas palavras de Marx (2001): “O trabalhador transformou-se numa mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador. E a procura, à qual está sujeito a vida do trabalhador, é determinada pelo capricho dos ricos e dos capitalistas”.

Compreendendo o trabalho como uma categoria repleta de significados, e que ao longo do tempo, assumiu uma gama de conceituações. Segundo Frigotto (2009), o trabalho é uma categoria polissêmica, que foi, fundamentalmente, adaptando-se às condições impostas pelos ditames hegemônicos da burguesia, cuja apresentação acontece mediante as dimensões histórico-social, ontológica e ético-política às quais esta categoria está submetida.

Buscando ir mais além nessa discussão, podemos perceber uma perda significativa do sentido do conceito da categoria, pois, quando surge o ser humano, vem com ele a necessidade de produzir a própria vida. Segundo Saviani (2007), o trabalho é uma atividade especificamente humana, e a partir dessa necessidade, o homem tende a transformar e adaptar a natureza as suas vontades.

Para isso, desbravou um território vasto e selvagem, para se afirmar como humano. Ou seja, é dessa relação transformadora com a natureza, por meio do trabalho, que o homem perpetua a humanidade.

Vale lembrar também, que além do trabalho, educação é uma atividade especificamente humana, e se constrói mediante a necessidade de desenvolvimento do trabalho. Ambos se complementam e se caracterizam como atividades desenvolvidas pelo homem, por força do modo de produção comum entre eles, confundem-se e implementam-se na função de formar o homem a educar-se para a vida.

Saviani (2007) esclarece que essa noção de organicidade entre trabalho e educação perde força a partir do avanço do processo histórico e, principalmente, com o advento do modo de produção escravista e feudal, as classes dominantes tomam posse dos meios de produção, passando a explorar as classes trabalhadoras.

Iniciando um contexto de desigualdade entre trabalhos laborais e setores ociosos, emergindo assim, um espaço para o desenvolvimento desse setor que não tinha a obrigação laboral, nasce a escola para esta parcela privilegiada da sociedade. Avançam assim, as forças produtivas, o acúmulo do capital e o estabelecimento de classes: a burguesia detentora do poder de compra e o proletariado que necessita vender a força de trabalho por um salário. É aqui estabelecida a separação entre trabalho e educação nas palavras de Frigotto (2009):

É com o desenvolvimento das relações sociais produtivistas capitalistas que o trabalho assume o sentido de emprego remunerado e trabalhador para designar a classe trabalhadora [...]. A redução do trabalho de atividade vital do ser humano para produzir seus meios de vida a emprego vincula-se, pois, a uma dupla determinação: o desenvolvimento concomitante da palavra trabalho, do termo emprego e das relações sociais dominantes (Frigotto 2009).

Estabelecida essa divisão de classes e com essa base capitalista assentada na sociedade dos proprietários dos meios de produção e os detentores da força de trabalho. Essa divisão traz consequências também para a concepção de educação, que se baseia também nos conhecimentos estruturados a atender essa demanda trabalhista, fragmentando conhecimentos, de acordo com frações profissionais exigidas pelos meios de produção, implantando disciplinas isoladas e desconexas entre si.

Tornando o processo de aprendizagem repetitivo, fragmentado e vazio de reflexão, apto a produzir mão de obra qualificada e um conhecimento pouco significativo, Saviani (2021) ressalta que a escola surge como instrumento de reprodução das ideias sociais, aparece, inicialmente, como manifestação dos processos educativos gerais e, ao longo do tempo, vai se transformando na principal forma de dominação. É implantado um projeto societário para ludibriar as classes trabalhadoras baseado em forças míticas. Essas, por sua vez, não tinham conhecimentos suficientes para lutar contra as potências dominadoras.

Surge, então, uma crítica à economia e aos modos de produção capitalista que se torna avassaladora, sobretudo, na Europa, século XIX. Proveniente de Karl Marx, baseado em sua perspectiva filosófica acerca dos modos de produção oriundos do capital, seu pensamento sustenta o pensamento de Bertolt Brecht a partir das questões sociais impressas em sua poesia, que tinha como objetivo levar a reflexão e não apenas ao entretenimento.

O pensamento de Marx é determinante na obra de Brecht, como também, na relação que faremos com as bases da EPT, através da pedagogia histórico-crítica, que norteará a nossa pesquisa. De acordo com Mehring (2013), não há dúvidas de que a incomparável grandeza de Marx é devida ao fato de que nele, o homem de ideias era indissolivelmente ligado ao homem

de ação, e que os dois se completavam e se apoiavam mutuamente. Nem há qualquer dúvida de que o lutador nele sempre precedeu o pensador. Todos os grandes pioneiros do socialismo concordavam a esse respeito.

As ideias advindas do marxismo trouxeram um novo alento ao pensamento humano, pois, nos oportunizou historicizar nossa vida sob a ótica dos fatores econômicos que outrora regem as nossas relações. Sem romantizar situações, mas contextualizando-as, de acordo com as nossas vivências.

Para o metafísico, as coisas e as suas imagens no pensamento, os conceitos, são objetos de investigação isolados, fixos, rígidos, focalizados um após o outro, de per si, como algo dado e perene. Pensa só em antíteses, sem meiotermo possível; para ele, das duas uma: sim, sim; não, não; o que for além disso sobra. Para ele, uma coisa existe ou não existe; um objeto não pode ser ao mesmo tempo o que é e outro diferente. O positivo e o negativo excluem-se em absoluto. A causa e o efeito revestem-se também, a seus olhos, da forma de uma rígida antítese. À primeira vista, este método discursivo parece-nos extremamente razoável, porque é o do chamado senso comum. Mas o próprio senso comum — personagem muito respeitável dentro de casa, entre quatro paredes — vive peripécias verdadeiramente maravilhosas quando se aventura pelos caminhos amplos da investigação; e o método metafísico de pensar, por muito justificado e até necessário que seja em muitas zonas do pensamento, mais ou menos extensas segundo a natureza do objeto de que se trate, tropeça sempre, cedo ou tarde, com uma barreira, ultrapassada, a qual se converte num método unilateral, limitado, abstrato, e se perde em insolúveis contradições, pois, absorvido pelos objetos concretos, não consegue perceber a sua concatenação; preocupado com a sua existência, não atenta na sua origem nem na sua caducidade; obcecado pelas árvores, não consegue ver o bosque (Engels, 2008, p. 78).

Entretanto, historicizar é dar ao homem a capacidade de pensar sua existência por si mesmo a partir da sua realidade vivida. Não mais permitir que alguém o faça, é compreender-se como capaz de realizar essa ação a partir da sua existência entrelaçada ao movimento da história, sua vivência importa, não apenas a de outrem. Segundo Konder (2001), de acordo com o materialismo histórico, é impossível ter uma compreensão científica das grandes mudanças sociais sem ir à raiz dessas grandes mudanças, quer dizer, sem chegar às causas econômicas que, em última instância, determinam-nas.

Vejamos a seguir um pouco dessa corrente filosófica tão importante para a compreensão das ideias de Karl Marx e de como a partir dela se pode entender a história como um fato compreensível, por meio dos aspectos materiais e que contribuíram para a construção da poética de Brecht e da pedagogia histórico-crítica, a qual discutiremos nos próximos tópicos.

3.2 A poesia de Brecht como pressuposto didático para a formação política dos estudantes

Meu jardineiro me diz: o cão
 É forte e astuto e foi comprado
 Para guardar o jardim. Mas o senhor
 Criou-o como amigo dos homens. Para que
 Recebe ele sua comida?

(Brecht, 2019).

Este recorte poético de Brecht nos diz muito sobre sua forma de enxergar a arte: questionadora! Não apenas anestésica, mas subversiva a ponto de nos tirar da zona de conforto e buscar respostas para questionamentos que acompanham a nossa trajetória.

Assim também deveria ser a escola, um espaço para discussões pertinentes aos interesses das classes trabalhadoras, mas o que temos visto é o contrário: a reprodução dos interesses da classe dominante rearticulados aos desígnios dos explorados. Embora saibamos que a escola é parte integrante da sociedade e que sofre influência direta dos modos de produção capitalista, ao mesmo tempo relaciona-se dialeticamente com a sociedade, podendo levar os educandos a questionar, refletir e lutar pelos seus direitos, como também produzir apenas mão de obra barata, no dizer de Brecht: apenas guardadores de jardim!

Saviani (2009) complementa que a importância fundamental da educação é norteadas por dois momentos simultâneos e articulados: a concepção dominante formada pela ideologia burguesa, que podemos considerar negativa e, positivamente, temos o senso comum, que vem dos interesses populares. E que não podemos concebê-la apenas por um norte, é necessário que possamos refletir criticamente sobre ambas.

Infelizmente, o espaço escolar vai se perdendo para discursos pautados nas experiências capitalistas de mercado, em que o ser humano é reduzido a uma mera mercadoria. Um espaço que deveria discutir sua diversidade cultural, saberes e agruras, reduz-se apenas a um anestésico de ideias. Como nos mostra Brecht em “A verdadeira vida de Jacó”. Vem cá:

Há muito se ouve falar.
 Das mercadorias baratas, às dúzias para comprar,
 Não se pode exigir demais.
 Somos os antepassados baratos da linha de produção.
 Se tiverem medo, de antemão

O traseiro deles levará a pior.
 Somos os casais da liquidação,
 Não é permitida a devolução.
 Já não somos o roto, mas o rasgado
 E para o coito sobra o sábado.
 Ah, as pessoas mais delicadas
 Entre nós rapidamente são descartadas.
 Como homens, somos agora mercadorias encalhadas,
 Defeituosas, por isso baratas (Brecht, 1995, p. 293).

Vivemos tempos sombrios, de desconexões de ideias e práticas pedagógicas, em que a arte deveria ser um bálsamo para o desenvolvimento das crianças e jovens, e também mais um instrumento de reflexão na escola, porém, somos testemunhas do contrário. Saviani (2015) vem nos esclarecer que a escola vive um contexto antagônico em sua égide, pois, não está dissociada de uma sociedade baseada na propriedade privada, em que os proprietários dos meios de produção são donos da força de trabalho, que em sua maioria são alunos da escola pública.

Nesse ínterim, a escola busca formar numa perspectiva reflexiva, que não agrada os interesses do capital. Nesse contexto, a luta em defesa da educação pública tem como antagonista o imiscuir-se do empresariado nas coisas da educação. Coincidindo com a luta contra os interesses do capital, tendo como meta a transformação dessa ordem social, essencialmente, incapaz de dar resposta aos problemas educacionais do conjunto da população brasileira.

Almejando uma educação empenhada em discutir essas relações de produção propostas pelo capitalismo e transformá-las em mudanças conceituais e significativas na aprendizagem dos estudantes, de uma forma reflexiva e ativa, é que surge a pedagogia histórico-crítica.

No bojo dessas discussões a cerca de uma educação política mais concreta e menos conceitual, Dermeval Saviani, a partir de uma publicação, revolucionou a forma de se pensar educação em nosso país: Educação e Democracia. Um livro emblemático nessa discussão de uma prática pedagógica possível para desarticular os interesses das classes dominantes, rearticulando aos princípios da classe trabalhadora. Nesse livro, ele de uma forma muito didática, esmiúça os motivos pelos quais as teorias educativas não se sustentam em nossas escolas.

Inicialmente, descreve as teorias não-críticas, representadas pela Pedagogia Tradicional, pela Pedagogia Nova e pela Pedagogia Tecnicista, que se apresentam com a ideia de que a educação acontece independente dos fatores sociais, ocasionando um reforço maciço das condições de dominação. Descreve em seguida, as teorias crítico-reprodutivistas, identificadas pela Teoria do Sistema de Ensino enquanto Violência Simbólica de Bourdieu e Passeron, pela

Teoria da Escola enquanto Aparelho Ideológico de Estado de Althusser e pela Teoria da Escola Dualista de Baudelot e Establet (1971).

Sendo todas teorias críticas, pois se afirmavam a partir da compreensão dos determinantes sociais existentes na escola. Porém, as discussões dessas teorias ganharam apenas o campo teórico, faltou à prática. Mesmo entendendo que a educação é reprodutora da exploração do capitalismo e que isso causa uma dominação não só da mão de obra, mas de ideias, limitou tais discussões a assumir a total dependência do sistema capitalista na educação. Contudo, apenas criticar não resolve o problema, é necessário partir pra a ação.

A partir da crítica, as teorias reprodutivistas, que apesar de compreenderem o fenômeno dos modos de produção na sociedade e, por conseguinte, na escola, não o fazem de forma prática, reforçando assim, a dominação e o conformismo dominante. Saviani vai além quando discorre:

A pedagogia histórico-crítica vai tomando forma à medida que se diferencia no bojo das concepções críticas; ela diferencia-se da visão crítico-reprodutivista, uma vez que procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista. Esta colocação parece-me importante porque boa parte dos debates que se travaram e das objeções que se levantaram a essa tendência acabaram desconsiderando que ela está do além do crítico-reprodutivismo, e não aquém. As críticas formuladas pelo crítico-reprodutivismo são algo que se considera superado (Saviani, 2021, p. 57).

É imprescindível, neste momento, pensar a escola como uma realidade histórica. Assim sendo, não pode permanecer imóvel as mudanças, sendo marcada profundamente pela intencionalidade humana em sua ação. Dessa forma, Saviani (1999) nos alerta em seu discurso de que a escola, por ser parte integrante da sociedade, sofre as influências dos modos de produção capitalista, e essa mesma escola também dialoga com a sociedade, podendo ser reprodutora da dominação ou libertadora dessas ideias.

Essa visão social dúbia da escola é de extrema importância para a pedagogia histórico-crítica, por compreender que sua funcionalidade especificamente educativa e também pedagógica, é um espaço para o diálogo na busca por uma aprendizagem significativa sem perder o foco do saber sistematizado, especialmente às classes populares. Nessa perspectiva, compreende-se que é imprescindível uma pedagogia articulada aos interesses populares. Tais métodos se situarão para além dos métodos tradicionais e novos, superando por incorporação as contribuições de uns e de outros (Saviani, 1999, p. 79).

A pedagogia histórico-crítica se propõe a articulação entre os saberes sociais e o saber sistematizado, ambos se interligando dialeticamente e resultando no conhecimento real e

perfeitamente aplicável a vida, de forma reflexiva e política. Tomando partido sim! Como diria Brecht, quem não toma partido está a serviço da classe dominante. “Assumindo essa causa”, você se torna responsável e engajado em realmente ser um instrumento de mudança de pensamento e que leva à ação, não é só simplesmente ir escola e dar aulas, é compreender que a escola vai além dos seus muros.

Como tão bem coloca Saviani (2009):

Quando afirmo que a educação é sempre um ato político, quero com isso frisar que a educação cumpre sempre uma função política. Mas é preciso não identificar essa função política com outra função que a educação cumpre, que é a função técnica. Essas funções não se identificam, elas distinguem-se. Mas, embora distinguíveis, são inseparáveis, ou seja: a função técnica é sempre subsumida por uma função política (Saviani, 2009, p. 251).

Em suma, uma pedagogia dialética que compreenda a questão da educação como um caminho pautado pelo desenvolvimento histórico, objetivado pelo determinante das condições materiais da existência humana, como um direito de todos, e que possibilite o acesso aos conhecimentos construídos pela humanidade, para assim, valorizar a cultura da sua comunidade. Tenha acesso à cultura, lazer... Uma educação que discuta possibilidades.

Não apenas prepare para o trabalho, que a dualidade existente entre educação para os ricos e para os pobres caia por terra. E nasça uma escola comum, politécnica. Uma educação dessa natureza precisa ser politécnica; isto é, uma educação que, ao propiciar aos sujeitos o acesso aos conhecimentos e à cultura construídos pela humanidade, propicie a realização de escolhas e a construção de caminhos para a produção da vida. (Ramos, 2008, p. 2).

Assumindo um papel politécnico, no sentido amplo da palavra, que tão bem Ramos (2008) nos esclarece ao afirmar que a politecnica possibilita a realização da orientação aos estudantes sob a perspectiva de múltiplas escolhas, sempre partindo da compreensão dos princípios científico-tecnológicos e históricos da produção moderna.

Contudo, é importante perceber que para que se compreenda a educação de forma mais crítica, são necessárias práticas pedagógicas transformadoras, que possibilitem a ação na realidade dos estudantes, produzindo atitudes diferentes, caminhos reflexivos. Araújo e Frigotto (2015) defendem ser de suma importância manter uma postura – ainda que utópica – de formação total e não apenas baseada em fragmentos de uma cultura profundamente sistematizada, em que só vale o que vem da elite, o popular é sempre marginalizado e restrito aos guetos, que se compreenda a cultura como um direito de todos.

O processo de formação deverá estar comprometido com o desenvolvimento total das faculdades físicas e intelectuais dos sujeitos. Sendo assim, uma ação pedagógica engajada proporciona o desenvolvimento totalizante da ação humana, indo além do contexto escolar, interligando os saberes ético e político da vida social a partir da integração dos saberes sistematizados aliados aos saberes locais, através da articulação e contextualização destes, podemos perceber uma proposta integradora de educação.

Dessa forma, é possível empreender uma educação humana e integral, pois essa comunhão de saberes oportuniza uma aprendizagem significativa, capacitando-os a agir de forma crítica em tomadas de decisões, em práticas comunitárias, ou individuais. Compreendendo-se como um sujeito social integrado a sua totalidade social: uma formação *omnilateral*. Como Manacorda (2017) tão bem conceitua:

Frente à realidade da alienação humana, na qual todo homem, alienado por outro, está alienado da própria natureza, e o desenvolvimento positivo está alienado a uma esfera restrita, está à exigência da onilateralidade, de um desenvolvimento total, completo, multilateral, em todos os sentidos, das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação (Manacorda, 2017, p. 88).

Geraldo (2014) também complementa:

Apreender o real em sua historicidade, em sua evolução, a partir das interações entre as suas mudanças internas e a evolução do contexto onde está inserido. Perguntando-se: como surgiu? Como foi produzido? Em que contexto surgiu? Como se desenvolveu? Como evoluiu? Para que serve? A que ou a quem interessa? Apreender a realidade como totalidade, identificando o contexto espacotemporal onde está inserido o objeto de estudos, as variáveis que determinam sua existência, o seu movimento e o seu desenvolvimento (Geraldo, 2014, p. 52).

Por isso, é tão importante compreender esse processo desde cedo na escola, já que esta tem um papel fundamental como reprodutora das desigualdades sociais e materiais ao longo da sua existência. É uma “luta pela utopia do socialismo e da educação *omnilateral*, unitária e politécnica” (Frigotto, 2009, p. 185).

Pensemos que para que essa mudança de paradigma estrutural e social possa acontecer, perpassa todo um processo formativo dentro e fora da escola. Pois sabemos que mesmo não tendo origem e nem se limitando a ela, vimos que no decorrer da história, essa vem se mantendo como um espaço de desenvolvimento histórico da sociedade e tem em suas mãos o poder de converter o saber elaborado de modo sistemático (tecnológico, filosófico, científico e artístico) em saber escolar, e a partir dessa conversão, organizar esse saber, de modo que, seja socializado histórico-socialmente, através de estratégias de ensino e aprendizagem.

Segundo Gramsci (2001), a escola deve lutar contra o folclore, sedimentações tradicionais de concepções do mundo, para assim, difundir conceitos mais amplos que contemple a diversidade de vivências, sem se esquecer dos elementos primitivos e fundamentais das leis naturais. Ou seja, aprender de forma coletiva, considerando os espaços de atividade humana.

Voltando o foco na difusão de conteúdos vivos como tarefa primordial da escola, do seu processo formativo e histórico dos estudantes, do corpo docente, e sendo sempre um ambiente de troca entre professores e alunos, mas sem perder de vista o conhecimento sistemático.

Araújo e Frigotto (2015) ampliam nossa visão quando disseram que:

O compromisso com a formação ampla e duradoura dos homens, em suas amplas capacidades; a ideia de práxis como referência às ações formativas; que a teoria e prática educativa constituam o núcleo articulador da formação profissional; teoria sendo sempre revigorada pela prática educativa; a prática educacional sendo ponto de partida e de chegada; a ação docente se revelando na prática concreta da realidade social” (Araújo; Frigotto, 2015, p. 72).

Tendo em vista que a pedagogia histórico-crítica valoriza os elementos teóricos e práticos, integrando-os de forma a serem compreendidos e valorizados na formação escolar entre professor e aluno, percebendo-o como parte integrante da sua cultura e realidade social. Essa relação acontece, porque o professor é um mediador entre o conhecimento sistemático e social dos educandos, estabelecendo uma relação real e significativa. Saviani (2021) vai além, quando explica que o conceito de mediação indica, justamente, o caráter instrumental da educação e, por consequência, afirmar que a educação é mediação, significa admitir que o que se passa em seu interior não se explica por si mesmo, mas ganha este ou aquele sentido.

Neste universo mediador, que deve ser a ação do professor, de acordo com a pedagogia histórico-crítica, em que se entende o conhecimento de uma forma integral, compartimentá-lo em disciplinas é dar à escola um aspecto industrial amparado pelo processo produtivo.

A proposta é exatamente o contrário, romper com essas divisões, que só aumentam a desigualdade intelectual. Para isso, entendemos ser tão importante a poética de Bertolt Brecht, pois ela busca preencher a lacuna no processo de mediação na relação professor/aluno.

Pois demonstra em seu âmago que a desigualdade social deve ser combatida em qualquer lugar, começou no teatro a expor as agruras das camadas populares causadas pelo capitalismo, depois trouxe o povo para o palco, através dos seus escritos dando uma nova perspectiva a classe trabalhadora. A arte emana do povo e deve levar o povo a pensar de forma

crítica. Percebam como a poesia de Brecht é desafiadora e nos força a pensar no poema “A decisão”:

O homem precisa de muita ração,
Com isso o homem fica mais caro.
Para arrumar ração, precisa-se de homens.
Os cozinheiros tornam a comida mais barata, mas
Aqueles que comem a tornam mais cara.
O problema é que existem homens de menos.
O que é um homem, afinal?
E eu lá sei o que é um homem?
E eu lá sei, quem sabe disso?
Não sei o que é um homem,
Eu só conheço o seu preço (Brecht, 2004, p. 254).

A poética de Brecht não tem a pretensão de salvar o mundo, mas pode interferir em nossa forma de compreender a influência do capitalismo, através da busca pela criticidade, levando-nos a buscar alternativas a partir das nossas vivências expostas através da arte. E aliar esses escritos críticos à prática pedagógica da escola, além de levar os jovens a pensar e refletir com base em suas vivências, pode ser um caminho para a busca de uma educação *omnilateral* tão almejada pela pedagogia histórico-crítica. Um sonho, uma utopia? Não, um caminho de possibilidades... É nesse trilhar dialético que a nossa pesquisa caminha, na sessão a seguir, discutiremos essas ideias na prática escolar.

4 CONHEÇO, REFLITO, RESISTO: AS PEÇAS DIDÁTICAS DE BRECHT

Aqui jaz
O enviado dos bairros da miséria
O que descreveu os atormentadores do povo
E aqueles que os combateram
O que foi educado nas ruas
O de baixa extração
Que ajudou a abolir o sistema de Alto e Baixo
O mestre do povo
Que aprendeu com o povo
(Brecht, 2019).

A poesia tem o objetivo de nos aproximar de nós mesmos. Humanizar o que as relações de poder embruteceram ou mercantilizaram. Ela é um portal de aproximação com a sabedoria dos povos, conduzindo-nos a reflexão e a resistência do que somos. Por isso, é tão marginalizada ou pouco explorada, pois traz riscos a um sistema que a todo tempo busca a nossa desumanização.

Esse recorte poético de Brecht, leva-nos a pensar sobre os saberes oriundos do meio social e sua importância para a nossa formação como seres pensantes, capazes de transformar o seu meio não apenas em recurso próprio, mas de forma a beneficiar a todos.

A partir do momento que nos afastamos do saber popular, tornamo-nos individualistas e, conseqüentemente, perdemos o nosso espírito de pertença, transformando-nos em alvo fácil da teia envolvente do sistema capitalista. Por isso, o pensar dialético impresso nas obras de Brecht é tão importante para a formação da classe trabalhadora, pois leva a reflexão, ao pensar. Exatamente como nos assevera Wood (2006, p. 229), quando diz: “[...] a primeira característica do capitalismo é ser ele incomparavelmente indiferente às identidades sociais das pessoas que explora.”

Trata-se de um caso clássico de boas e más notícias. Primeiro as boas – mais ou menos. Ao contrário dos modos anteriores de produção, a exploração capitalista não se liga a identidades, desigualdades ou diferenças extraeconômicas políticas ou jurídicas. A extração da

mais-valia dos trabalhadores assalariados acontece numa relação entre indivíduos formalmente iguais e livres e não pressupõe diferenças de condição política ou jurídica.

Na verdade, o capitalismo tem uma tendência positiva a solapar essas diferenças e diluir identidades como gênero ou raça, pois o capital luta para absorver as pessoas no mercado de trabalho e para reduzi-las a unidades intercambiáveis de trabalho, privadas de toda identidade específica.

Em toda a sua obra, Brecht (2002) deixa claro a necessidade de produzir uma arte que também eduque, não só para os atuantes, mas principalmente para o público. Tornando-a didática a ponto de promover reflexões e aquisição de conhecimento, nascem assim as peças didáticas.

Produções onde o corpo cênico é convidado a agir e refletir sobre suas ações durante a atuação, conectando-se com o público que assiste e interage a partir da observação total da cena e da leitura visual das ações expostas. Num jogo de atuação e realidade, ação e reflexão! Para Koudela (2001), por intermédio das peças didáticas, Brecht propõe a superação entre atores e espectadores e busca um novo público, fora da instituição teatral tradicional: alunos em escolas e cantores em corais.

Brecht (2002) sublinha que a principal função da peça didática é a educação dos participantes do ato artístico coletivo. O aprendizado se dá pela atuação em cena e não da recepção estética passiva.

Para Brecht (2002), o palco deveria espelhar a vida, oportunizando aprendizagens, uma visão pedagógica, progressista e utópica, compreendendo a importância da discussão dos saberes necessários para a formação de uma consciência de classe, aliado aos conteúdos básicos da escola, tornando o espaço escolar um organismo pulsante de cultura oriunda do povo e para o povo.

Um espaço de indagações e de lutas, porém é importante ressaltar que ele não almejava transformar suas peças em teorias pedagógicas, longe disso, levava a arte para o seu devido lugar: o chão da escola. Tornando o conhecimento formal, muitas vezes, distante da nossa realidade em um conhecimento historicizado, pautado na coletividade. Assim como o teatro, o conhecimento formal trabalhado nas escolas deve levar a pensar e não causar o adormecimento de ideias.

Tendo em vista a aprendizagem de uma forma geral, as peças didáticas tinham como objetivo proporcionar uma visão total do assunto discutido. Obrigando o espectador a olhar a sua volta sob outros prismas, sendo mais empático nas situações, dando o seu ponto de vista. No geral, buscava proporcionar um momento muito importante não só no teatro, mas

principalmente na escola: o pensar, visto que o seu objetivo é pensar e, conseqüentemente, interferir na organização social do trabalho, viabilizando a possibilidade da reflexão acerca da consciência de classe, deixando de ser utópica, sendo ativa. Já Koudela (1991) assevera ser por outro lado, é justamente o caráter utópico da experimentação com a peça didática, concebida para uma ordem socialista do futuro, que garante o seu realismo político.

Vemos então, um aspecto muito interessante da proposta de Brecht (2002) que parte dos jogos de aprendizagem, no qual os atores, na maioria das vezes, alunos, articulam ideias a partir de conhecimentos prévios e, conseqüentemente, historicizados acerca de um tema a ser apresentado. Propiciando um conhecimento construído e refletido sobre as vivências dos envolvidos que, ao apresentar aos demais, expõem suas experiências e dão margem para novas reflexões e aprendizagens. Criando assim, aspectos didáticos relevantes e dinâmicos.

Com bases políticas muito acentuadas na luta de classes, Brecht (2002) buscou sempre em seus escritos instrumentalizar o processo de luta. Lógico que não se tratava de uma luta armada, mas de uma luta construída no processo de reflexão dialética, que poderia ocorrer em qualquer lugar, incluindo a escola.

Ele pretendia envolver qualquer público no processo de reflexão, em especial, a classe trabalhadora, tão vulnerável ao corte do machado capitalista a ceifar não só a força de trabalho, mas uma característica humana imprescindível: o pensar!

Com isso, sua pretensão ao escrever as peças não se resumia a grandes espetáculos com plateias, não que isso fosse proibido, o seu objetivo era transformá-las em um exercício pedagógico de livre acesso e discussão. Ocasionalmente uma forma livre de reflexão e aprendizagem a partir de novas vivências ocasionadas pela livre participação dos ouvintes, enfatizando a arte, a história e o fazer político através do ato humano de pensar.

Embora não haja necessidade de espectadores, eles podem ser utilizados. Possibilidades dessa utilização são, por exemplo, discussões e “troca de diálogo entre os coros e os espectadores”, que ocorrem também nas duas versões da Peça Didática de Baden-Baden sobre “O Acordo”, e Brecht exemplifica aqui que, em “A Decisão”, podem ser introduzidas livremente cenas inteiras “e assim por diante”.

No caso de apresentações públicas, é permitido usar outros recursos, como música, filme, etc., sendo que Brecht enfatiza igualmente a experimentação a partir de “invenção própria”. O princípio da improvisação deve ser mantido também durante a apresentação da peça didática (Koudela, 1991).

Partindo do pressuposto de compartilhamento de saberes, as peças didáticas de Brecht lidam expressamente com conflitos que vão surgindo no decorrer das cenas. Conferem ao

espectador não só a posição de apenas ouvir ou de imaginar, ele também passa a ser protagonista, pois em determinadas cenas, isso é possível através do distanciamento e retorno dos personagens, demonstrando um status de “vir a ser”.

Compreendendo a arte como um exercício diário que nos acompanha e nos torna cada vez mais humanos, essa era a proposta das peças didáticas de Brecht, e não transformar a arte em uma disciplina relegada a apenas umas pinturas, ou apresentações de textos sem nenhum crivo crítico. Infelizmente, é o que vemos hoje na maioria das escolas.

Segundo Gobbe (2016), o processo atual de ensino de teatro na escola é, na maioria das vezes, relegado a mera função de preencher um calendário com algum ato artístico, sem nenhuma preocupação com o teor de qualidade do que é apresentado ao público. Vale pensar a obra brechtiana como um alicerce para a aprendizagem de um teatro crítico nas escolas brasileiras, pois os alunos teriam a chance de conhecer um pensamento ousado e transformador.

Para concluir, faço uso das palavras do próprio Brecht neste trecho da peça “A decisão”:

Intervenção rápida, profunda ponderação,
Fria tolerância, infinita perseverança.
Compreensão da parte e compreensão do todo:
Só ensinados pela realidade é que podemos
Transformar a realidade (Brecht, 2004, p. 266)

Apresentaremos na próxima sessão nossas análises sobre quatro peças didáticas de Brecht, mostrando o quanto estas podem ser importantes para a formação integral dos estudantes da educação profissional e tecnológica, no sentido de fortalecer a reflexão e o pensamento crítico.

4.1 Vivências e aproximações... As peças didáticas e a EPT: um caminho possível...

No que não é de estranhar
Descubram o que há de estranho!
No que parece normal
Vejam o que há de anormal!
No que parece explicado
Vejam quanto não se explica!
E o que parece comum

Vejam como é de se espantar!

(Bertolt Brecht, 2019).

Para além de um mergulho na arte, especificamente, na poesia deste grande autor, minhas incursões pelas suas peças me trazem, além de alento, também a responsabilidade de ao menos buscar significados e os propósitos dos seus escritos teatrais para além do palco, mas para a vida. Exatamente como bem nos ilustra este trecho acima, é necessário ir sempre mais além.

Este propósito nos leva a pensar, questionar não só na escola, mas em todos os âmbitos sociais, e por que não no teatro? Nesta minha sublime incursão, deparei-me com outros autores que também o fizeram, mostrando que as peças de Brecht não são didáticas, porque ensinam conceitos, mas porque nos levam a pensar. Por isso, a definição e a concepção de didática não devem ser compreendidas literalmente, não apenas na definição clássica de Comenius (1985), como atividade de ensinar tudo a todos.

Vale lembrar que as peças de Brecht podem possuir esse caráter pedagógico, porém vai mais além do conceitual e compreende um ponto crucial: o pensamento crítico-reflexivo. Pois que, desde o seu surgimento, o teatro sempre exerceu esse papel educativo. Garantindo a ordem social através da educação dos valores vigentes de cada época desde as tragédias gregas.

Com fins educativos e para moldar indivíduos socialmente preparados para vida, o teatro assumiu um papel importante, de “difusor das ideias sociais”. Em diversas fases históricas, desde o teatro didático (séc. XVI), apresentado em colégios, aparece também nos dramas humanistas, que surgiram com a Reforma e até com fins religiosos, através dos jesuítas ou na Contrarreforma.

Contudo, Brecht (2002), ao escrever suas peças, tem a pretensão de dar aos seus escritos um cunho diferente. Seu objetivo era exatamente o contrário, enveredar por outros caminhos trilhados pela história. Cansado de ver o teatro tornar-se cada vez mais aristocrático e distante do povo, posto que, já que a arte emana dele, deve ser para ele. Sendo assim, Brecht decidiu trazê-lo de volta para o povo, mas com um ingrediente chave: a reflexão! Decidido a discutir as relações humanas reais e não mais heroicas, e o cotidiano de exploração vivenciado fora dos palcos, determinados pela própria organização do trabalho e pelo sistema capitalista. Uma forma de a vida imitar a arte e vice e versa.

O princípio norteador das peças didáticas é a ação. Ultrapassando a forma técnica, mas assumindo um papel ativo na dimensão transformadora de não só divertir, ou ensinar, mas

incitar uma ação humana adormecida pela venda da força de trabalho. Todavia, Brecht compreendia que seus escritos possuíam um caráter pedagógico, porém, mas que decorar atos, desenvolver reflexões, os atores das peças didáticas não têm a pretensão de atuar como profissionais, mas sim, como autores de sua própria aprendizagem (Bornheim, 1992).

Todavia, toda a ação do teatro brechtiano apresenta uma intenção didática. É sabido que em cena, os atores utilizavam recursos importantes para a caracterização dos personagens, e assim passam a mensagem da cena. Com isso, podemos perceber o uso de máscaras para evitar expressões faciais, expressões gestuais simbólicas, consciência textual em cada cena, não só pelo ato da fala, mas também com os corais que representavam a discussão da ação da peça, dessa forma, dão margem para a passagem do sentido individual para o universal, gerando a reflexão crítica, resultando em formação de opinião e consciência do papel social individual para gerar ações coletivas.

Tudo isso, de uma forma global, atores e plateia, numa troca artística e consciente. A partir de alguns elementos importantes: posturas (técnicas experienciadas através das peças, pois os atores também conduzem ações de acordo com o desenvolvimento das cenas, tomando posições junto aos participantes, num jogo de ida e volta), o texto, que dá movimento a cena e margem para improvisação, e forma, através da escrita direta e objetiva.

Neste trabalho, estudamos e analisamos quatro peças didáticas: *O voo sobre o oceano*, *A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo*, *Aquele que diz sim*, *Aquele que diz não* (que são encenadas juntas) e *a Decisão*, todas escritas entre 1929/1930. Estas se encontram compiladas na coleção Teatro Completo (Brecht, 2004), no volume três.

São obras muito simples e de uma complexidade absurda, principalmente por serem curtas e objetivas, dessa forma, conseguem prender a nossa atenção, visto que a narrativa acontece em lugares cotidianos que nós habitamos, causando-nos uma identificação imediata com seus personagens.

São dramas da vida real, nua e crua, que se interligam através da harmonia e singularidade próprias das grandes obras literárias, e as de Brecht não seriam diferentes. Ademais, contaremos um pouco sobre as peças didáticas sob o nosso olhar, de acordo com a nossa leitura, a qual acreditamos não ser a única, tendo em vista a grandiosidade da obra. Também através do meu olhar de pesquisadora, farei relações entre alguns trechos das peças e alguns conceitos muito importantes da EPT, que conduzem algumas indagações e caminhos da nossa pesquisa.

Começamos pelo anúncio que vem das ondas do rádio, aquela curiosidade da descoberta de ir ouvindo cada palavra, para assim, poder entender a mensagem anunciada. Foi assim que me senti ao iniciar a leitura da peça *O voo sobre o oceano*.

De início, desperta uma curiosidade exacerbada pra saber mais detalhes da notícia transmitida pelo rádio. A princípio, a origem da notícia vem do grande feito de realizar uma travessia do oceano em uma só viagem, sem paradas, um feito inédito até então... O voo tem saída de New York com chegada em Paris.

O que de imediato me chama atenção é pelo fato de o personagem principal não ter um nome específico no singular, e sim ser chamado por “Os aviadores”. Neste sentido, acredito que seja pela construção coletiva de um grupo de pessoas que juntas puderam construir este sonho. Embora conduzido por um, mas a ideia foi coletiva, e o autor frisa isso de uma forma magistral.

Contudo, o desenrolar da história é deveras muito instigante, pois apesar de acreditar na travessia, “Os aviadores” têm muitos percalços para fazê-los desistir, “O nevoeiro” que não satisfeito chama a nevasca, que lança gelo e muita neve, e ainda alguns problemas mecânicos, e como se não bastasse, ainda vem “O sono”, que firmemente tenta ludibriá-lo como sua maciez envolvente... Passam-se dez angustiantes horas, sinal de desistência aponta, afinal descansar é natural, porém, é indevido no momento. Mas, temos que continuar.

De uma forma poética e intencional, Brecht quis mostrar que a travessia e todas as suas intempéries simbolizam a nossa luta contra o primitivo pensamento imposto pela burguesia, que não nos cabe lutar, apenas aceitar calado todas as surpresas que a exploração humana pode nos causar.

“A travessia” também mostrou que a organização e a junção de ideias podem ser possíveis para o término do percurso, pois o individualismo e ignorância nos dividem e a revolução liquida essa divisão. Embora, para muitos, fosse impossível atravessar a grandeza do oceano com um avião feito de lonas e cordas, neste caso, o oceano representa o sistema, a nos afastar da nossa capacidade de pensar coletivamente e de nos organizar enquanto classe trabalhadora.

Quando penso na importância da junção de saberes, das muitas mãos que construíram o avião para o percurso quase impossível, vejo o quanto é urgente trazer essas discussões também para a escola. No sentido de ensinar a pensar criticamente para um resultado coletivo.

Assim como “Os aviadores”, que a todo o momento ressaltam que o desempenho do avião dependia de muitas mãos, tanto na construção do avião, no motor, e na condução, juntos

formavam um corpo só, e que se desmembrado o ideal também seria perdido ao longo da viagem.

Assim também deve ser a escola, ensinar a pensar coletivamente, mostrando a politecnia entre os saberes e sua importância na condução de formar profissionais reflexivos. Ressaltando o trabalho como princípio educativo, um conceito muito forte na base da EPT e que segundo Saviani (1989) devem ser articulados sob a égide de três princípios:

Num primeiro sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que determina, pelo grau de desenvolvimento social atingido historicamente, o modo de ser da educação em seu conjunto. Nesse sentido, aos modos de produção [...] correspondem modos distintos de educar com uma correspondente forma dominante de educação. [...]. Num segundo sentido, o trabalho é princípio educativo na medida em que coloca exigências específicas que o processo educativo deve preencher em vista da participação direta dos membros da sociedade no trabalho socialmente produtivo. [...]. Finalmente o trabalho é princípio educativo num terceiro sentido, à medida que determina a educação como uma modalidade específica e diferenciada de trabalho: o trabalho pedagógico (Saviani, 1989, p. 1-2).

Dessa forma, o *Voo sobre o oceano* proporciona essas reflexões a partir desses princípios educativos destacados por Saviani e coadunados nas bases teóricas da EPT. São observados a partir da leitura de uma forma reflexiva, trazendo para a sala de aula as reflexões e vivências reais dos estudantes, mostrando que nós também somos “Os aviadores” e que as grandes travessias são necessárias para o nosso crescimento, como força geradora da mudança em prol de uma sociedade mais justa. Voar também é preciso.

Nessa perspectiva de voar e do quanto esta ação foi imprescindível para o desenvolvimento da humanidade, muito embora voar também nos proporcionou uma avalanche de desgraças e quedas, à medida que evoluímos ao descobrir uma forma de transpor tantas barreiras de distância e transporte de alimentos e medicamentos, foi voando que atiramos bombas nucleares, destruimos cidades, matamos muitas pessoas. Na busca por respostas, deparei-me com mais uma peça didática imprescindível para essa reflexão: *Baden- Baden sobre o acordo*, que inicialmente nos faz um lembrete importante: Nós não nos esqueçamos que o avião pode cair.

Pois bem, conforme lia, via claramente a relação entre as duas peças, não porque ambas falam em voos, mas pelo fato de que apontam a necessidade de reflexão em nossas decisões, como também, a consciência de classe. Pois o que muitas vezes acontece na escola é que alguns conteúdos compartimentados em disciplinas nos afastam da percepção que somos a classe trabalhadora e que mesmo não estando desenvolvendo nenhuma função remunerada, somos filhos e netos de trabalhadores que foram explorados por desconhecerem seus direitos e não

refletiram sobre sua condição. Por este motivo, o coro da peça está sempre nos lembrando: “O homem ajuda ao homem?”

Apesar da excitação que nos propõe, o coro da peça de *Baden-Baden* também nos convida a refletir sobre os grandes feitos desenvolvidos pelo homem, das grandes descobertas científicas e da excelência que nossa humanidade já nos propôs. Porém, mesmo assim, ainda nos falta pão, e a indiferença nos assola e nos afasta de nós mesmos, causando a nossa própria aniquilação.

Mergulhei na leitura da peça a ponto de me colocar junto à multidão na contemplação do diálogo entre três palhaços, que mesmo não sendo engraçados, buscavam entre si refletir sobre a ajuda humana. Ah, que diálogo cirúrgico e necessário! Imaginei discuti-lo entre os alunos e o quanto isso seria importante para a sua formação humana.

Então, em meio à multidão, observei atentamente os três palhaços liderados pelo gigante “Sr. Schimmit”, que em sua visão autoritária passa a reclamar de partes do corpo que o incomodam, e os palhaços vassalos obedecem às ordens e arrancam os membros inferiores e superiores até o “Sr. Schimmit” não aguentar mais o peso dos problemas, e arrancam a sua cabeça, sucumbindo seu corpo inerte.

Apesar de forte, as cenas dos palhaços podemos concluir que um corpo só funciona se todas as partes estiverem de acordo entre si, caso contrário, elas causam dor, desunião e violência. Ou seja, que qualquer ajuda seja ela positiva ou negativa, pressupõe uma violência. Extirpar a violência é banir a ajuda pretenciosa e interesseira.

Consumida pela profundidade do diálogo dos palhaços, volto-me a uma discussão de igual valor: *O acordo*. Para salvarem-se, o aviador e os mecânicos deveriam, em comum acordo, reduzirem-se de suas posições ou aceitarem a morte. Pus-me a pensar! Será que vale a pena, em prol do bem comum, abandonar a posição social por um acordo? O aviador não aceitou e abandona o avião e os mecânicos, que simbolizam a classe operária, renegados pela exploração organizam o motor, e o deixam funcionando, abandonando a si e seguindo em frente.

A peça vai sendo concluída, as cortinas vão se fechando. E as reflexões vão permeando os pensamentos. Como é difícil cumprir acordos, porque eles sempre pressupõem renúncias e perdas. Embora necessários, muitas vezes, restringem a novas experimentações. É assim na vida escolar, científica e pessoal.

Pensando na importância de desenvolver um pensamento crítico na escola, acerca das decisões que os jovens terão em toda vida e de como é salutar desde a mais tenra idade, proporcionar momentos de reflexão na escola, sejam em rodas de conversas, leituras reflexivas, peças teatrais.

Desde que os façam pensar, decidir de uma forma justa. Nessa perspectiva, estou cada vez mais convencida do quanto a arte é decisiva para nos trazer de volta essa humanidade roubada pelo sistema. E por falar em voltar, deparo-me pensando em outra peça muito importante neste cenário de reflexão que circunda a nossa pesquisa, e que julgo ser mais um grande recurso didático para a formação humana dos nossos estudantes: *Aquele que diz sim e Aquele que diz não*. Primeiro, acho de uma inteligência absurda, o fato de Brecht ter feito uma peça com dois finais, encenadas ao mesmo tempo, proporcionando o desenvolvimento crítico imediato a partir da identificação do contexto. Isso sim desenvolve o pensar.

Pensar requer decisões e renúncias! O enredo conta a história de um menino, que para salvar a vida da mãe moribunda, vê-se obrigado a percorrer uma longa e perigosa viagem em busca da cura. Lembrando que a cura servirá também para muitos na cidade. Na vida de pesquisadora, sinto-me neste momento como “O menino”, formulando problemas, levantando hipóteses em busca da cura, acreditando em um antídoto, que vem do desejo de mudança e de muita renúncia e estudo. Mas sigamos.

Entretanto, no meio da viagem, o cansaço o dominou e ele caiu doente e sem condições de continuar a desbravar os caminhos tortuosos da cura. O que fazer? Seguir o costume e jogá-lo no vale para morrer? Esse é “aquele que diz sim”, na primeira história.

Na segunda história, *Aquele que diz não*, “O Menino” não aceita ser jogado no vale, e propõe mudarem o costume e refletirem sobre a situação. Contrariando o esperado, foi de encontro às ideias do sistema e criou uma forma de pensar diferente do comum.

No trecho a seguir, extraído da peça, “O menino” nos mostra a importância do pensamento crítico e reflexivo para as nossas decisões “[...] E quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o menor sentido. Preciso é de um novo grande costume que devemos introduzir imediatamente: O costume de refletir novamente diante de cada nova situação [...]” (Brecht, 2004, p. 231). Isso me faz pensar as muitas situações que vivenciamos no nosso cotidiano, que necessitam de ir contra o costume, na verdade, o sistema tão arraigado em nossas construções pessoais, contrariando as hipóteses e nos obrigando a refletir insistentemente, criando outras situações e vivências.

Como ser “O menino” tantas vezes é necessário, repensando e reexistindo em todos os espaços, dizendo sim ou não. Assim como, “Os Três Estudantes”:

[...] Então nós queremos voltar. Não ser a zombaria e não vai ser o desprezo que vão nos impedir de fazer o que é de bom senso, e não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma ideia justa. Encoste a cabeça em nossos braços. Não faça força. Nós levamos você com cuidado (Brecht, 2004, p. 232).

Concluindo nossa proposta de análise, deparo-me com esse texto que encerra nossa reflexão: *A decisão*, uma peça didática inquietante. Em linhas gerais, conta a história de quatro agitadores políticos, que temendo o fim da revolução, decidem sacrificar um de seus companheiros, “O Jovem Camarada”.

Objetivando a propagação do comunismo clássico, para que os oprimidos finalmente reerguessem a consciência da sua opressão, saindo da ignorância, se revoltassem e fizessem a revolução das ideias capitalistas para enfim ressurgir uma nova era.

Acompanhei ávida a leitura da peça onde percebi que “O Jovem Camarada”, pela falta de experiência, tentava a qualquer custo mudar a situação, suas atitudes imediatistas e superficiais atrapalharam a luta e causou a sua morte, não só física, mas a de ideais.

A decisão é uma peça que mostra a importância do pensamento crítico. Acredito que a morte é tratada como uma metáfora na peça, se ainda continuarmos a pensar de forma não reflexiva, estaremos fadados à morte, a padronização mecânica do pensar.

É necessário libertar essas ideias, e a escola tem um papel primordial, por ser catalisadora de múltiplas vivências. O conhecimento não pode mais ser compartimentado em disciplinas, deve ser ensinado de forma multidisciplinar e política.

A educação não está divorciada do meio social, sendo, ao contrário, determinada pelas características da sociedade na qual está inserida. E quando, como na situação atual, a sociedade está dividida em classes cujos interesses são antagônicos, a educação serve a interesses de uma ou de outra das classes sociais fundamentais. Nestas condições, a função técnica da educação é sempre subsumida pela função política, isto é, ainda que a educação seja interpretada como uma tarefa meramente técnica, nem por isso ela deixa de cumprir sua função política. Aliás, limitá-la à função técnica é uma forma eficiente de colocá-la a serviço dos interesses dominantes. Assim, é só por ingenuidade que se poderia acreditar no caráter apolítico da educação. Assumir o caráter político da educação significa posicionar-se no quadro da correlação de forças que contrapõe aqueles que buscam perpetuar e aqueles que lutam para transformar a sociedade. Isso quer dizer que o compromisso da educação, criticamente encarado, implica assumir a causa dos dominados hoje mais frequentemente chamados de excluídos. (Saviani, 2014, p.44).

A decisão vem nos mostrar que tudo pode se transformar, a revolução das ideias é algo urgente, especialmente, em nossas escolas. As peças didáticas de Brecht são imprescindíveis para a formação humana, sobretudo no cenário da EPT, pois não dá mais para formar apenas profissionais técnicos, mas seres humanos políticos, que pensam e transformam a sociedade em um lugar comum a todos.

Sem o individualismo propagado pelo sistema, ainda que tudo pareça comum e natural, sempre é possível admirar-se e estranhar-se, pois somos passíveis a mudança, somos seres imutáveis. E é muito válido quando a mudança nos leva a questionar aquilo que é regra.

Mais adiante, veremos como a formação crítica e reflexiva da prática pedagógica dos professores numa visão teatral brechtiniana pode ser importante para a formação integral dos estudantes.

4.2 Luz, câmera, educação! Formação de professores na perspectiva teatral brechtiniana

A corrente impetuosa é chamada de violenta
 Mas o leito do rio que a contém
 Ninguém chama de violento.
 A tempestade que faz dobrar as bétulas
 É tida como violenta
 E a tempestade que faz dobrar
 Os dorsos dos operários na rua?
 (Bertolt Brecht, 2019).

Mais uma vez, a profundidade poética de Brecht nos chama a atenção nestes versos que expõem nossa fragilidade e fortaleza. Pois o vil sistema capitalista que nos escraviza, tornando-nos frágeis marionetes, quer que pensemos individuais, pois a coletividade nos torna um gigante invencível.

Sua poesia é um antídoto para o nosso pensar individualizado! Neste ínterim, propomos a pensar uma educação que caminha junta e não com passos individuais, ou compartimentados, refletindo a nossa prática pedagógica, a fim de construir uma educação justa e menos dual há tanto tempo recriada em nosso país. É necessário que compreendamos a arte, não apenas como uma disciplina, mas como uma junção de saberes.

Para Freire (1987), é na formação de professores que se dá este momento de reflexão crítica sobre a prática pedagógica. Pois o diálogo e o compartilhamento de vivências viabilizam a formação de opiniões e troca de experiências. De modo que a união da teoria com a prática

resulta em um pensamento crítico pautado na concretude do ser, reafirmando a condição de sujeito.

Ao pensarmos nossa prática como um exercício cotidiano, quebramos as amarras que nos prendem ao pensamento individualizado e passamos a pensar e educar para a coletividade. Construindo uma escola compromissada em ensinar a pensar. Para isso, não podemos supervalorizar conteúdos em detrimento de outros, percebendo que a arte perpassa todos os espaços e discussões.

Dessa forma, estaremos cumprindo os princípios estabelecidos pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que preconizam a fruição da arte e das mensagens estéticas como parte do exercício da cidadania. Uma linguagem reconhecida dentro das outras linguagens, conforme a definição:

Capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido (PCN, 2000, p. 20).

Neste sentido, a arte deve ser uma linguagem viva e não relegada apenas a momentos preestabelecidos ou em eventos. Para isso, deve ser discutida por todos os professores da escola, não só em reuniões pedagógicas, mas em sua prática pedagógica constante.

Compreendendo que os conteúdos de todas as áreas de conhecimento devem ser repassados e refletidos para que possam fazer sentido na vida de todos. Refletindo sua prática, o professor ensina e também aprende, pois percebe que o conhecimento é uma construção cotidiana, e pode ser alcançado a partir da quebra do paradigma ilusório de que é para alguns iluminados.

Quando a escola só reproduz conteúdo sem reflexão, ela está perpetuando uma visão burguesa que individualiza o pensamento e o torna seletivo. É preciso ir mais além e ultrapassar essa visão tão valorizada nos dias atuais, educar criticamente, como bem diz Saviani (2014), sair da ingenuidade e passar para a criticidade. Segundo ele, a passagem da consciência ingênua à consciência crítica implica, em síntese, certa margem de angústia ou de frustrações, uma sensação de impotência que eu entendo como sendo o processo pelo qual se desfazem as ilusões.

Essa sensação de impotência corresponde exatamente ao esfacelamento da ilusão de poder. Ora, na posição anterior, na posição ingênua, idealista, o educador acreditava-se com certos poderes, acreditava que transformaria a sociedade, julgava possuir o condão de mudar a realidade pela força de sua ação subjetiva. (Saviani, 2014, p. 45).

A escola desempenha um papel primordial de mudança social. Porém, uma escola comprometida com a luta e resistência do povo e de suas vivências reais, e não uma escola desvinculada dos movimentos que acontecem na sociedade. Uma escola dialética.

Embora seja uma tarefa árdua, ela é possível. O próprio Brecht (2002) aponta que as contradições no meio social promovem a dialética do pensar e a arte vem ser esse caminho. Um deles é o teatro na escola, uma forma que aguça questionamentos bastante amplos das vivências sociais, fazendo-nos passar da reprodução à ação consciente. Sobretudo ao ler suas obras, que são educativas e conscientizadoras acerca das agruras da vida de uma forma crítica. Para ele, um novo teatro, não o aristotélico e aristocrata, mas um teatro educativo.

Desta forma, como a proposta teatral brechtianiana pode contribuir na formação dos professores? Assim como qualquer disciplina básica requer um mínimo de conhecimento, também se dispõe o teatro. Através da relação da teoria com a prática, saber fazer, saber ler e saber pensar sobre. Porém, muitas vezes nos falta o último e mais importante ponto: saber pensar sobre.

Na maioria das vezes, o professor por ser muito condicionado a repassar conteúdos, esquece-se de dar espaço para que os alunos e até mesmo eles pensem sobre o que aprenderam. Acreditamos que a construção de um objeto de estudo a partir da cisão dos saberes teóricos aliados às vivências dos alunos, se refletidos, estudados e observados, podem dar origem a construção de um saber historicizado, portanto dialético.

Atingindo o que Gianini (2013) diz sobre o processo de criação do objeto estético, pois abarca as formas essenciais na formação do pensamento:

[...] o fazer artístico e o pedagógico. O fazer artístico e a produção da obra de arte podem evitar a cisão entre o educador e o artista. Um professor que é artista, um artista que é professor, o sangue das duas funções correndo nas veias e artérias do mesmo corpo (Gianini, 2013, p. 5).

Tarefa fácil não é, mediante um sistema tão perverso a nos esmagar a todo o momento, mas é muito necessário formar uma classe trabalhadora consciente. E para isso, a reflexão constante da prática pedagógica é primordial.

Em suma, podemos considerar que, sendo a educação a formação do homem, entendida em seu conceito amplo, ela não é outra coisa senão o próprio processo de produção da realidade humana em seu conjunto. De outro lado, considerando-se que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica, a educação, em termos estritos, isto é, a educação enquanto atividade intencional, consiste no ato de produzir em cada indivíduo a humanidade que é produzida historicamente pelo conjunto dos homens. Isso significa[...]que o objeto da educação diz respeito, de um

lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. De maneira mais simples, podemos, então, considerar a educação como a promoção do homem (Saviani, 2014, p. 54).

Por meio da sua arte, Brecht nos aponta a importância desse olhar atento para essa formação de uma arte transformadora e educativa, capaz de transformar e reconstruir a sociedade.

Educar exige comprometimento. Tomar partido ou posicionar-se contra as injustiças e simplesmente assistir a tudo da sua visão privilegiada, não é ter consciência do seu papel como artista no palco da vida. É tomar partido mesmo, pois quem não se posiciona se deixa levar por qualquer discurso. Então é hora de engajar-se no movimento de uma escola que liberta das amarras da opressão, que ultrapassa os muros. Saviani (2009) afirma que a educação é um ato político de engajamento e responsabilidade.

Com o seu teatro político, Bertolt Brecht procurava mostrar que é possível, através da arte, contextualizar as agruras humanas de uma forma reflexiva, incluindo e trazendo para o debate uma classe à qual era negado o acesso à arte, exatamente por proporcionar a reflexão da sua condição de explorado diante do sistema que visa apenas o lucro em detrimento da desumanização.

Dando a classe trabalhadora a perspectiva de pensar e lutar por seus direitos básicos, mostrando que arte deve trazer emoção e razão, voz e não silenciamento, neste intento, ele escreveu:

Perguntas de um trabalhador que lê
 Quem construiu a Tebas de sete portas?
 Nos livros estão nomes de reis.
 Arrastaram eles os blocos de pedra?
 E a Babilônia várias vezes destruída? –
 Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas
 Da Lima dourada moravam os construtores?
 Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China
 Ficou pronta?
 A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
 Quem os ergueu? Sobre quem
 Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio
 Tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo na lendária
 Atlântida
 Os que se afogavam gritaram por seus escravos
 Na noite em que o mar tragou.
 O jovem Alexandre conquistou a Índia
 Sozinho?
 César bateu os gauleses.
 Não levava sequer um cozinheiro?
 Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada

Naufragou. Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões (Brecht, 2019, p. 166).

Uma ação reflexiva pode tornar a prática pedagógica mais libertadora. Com esse pensamento, fecho a página desta análise que me propus a fazer, encerro aqui minha narrativa, porém, as indagações e os pensamentos não de me acompanhar na busca por despertar mais reflexões. Pensando nisso, apresento na próxima sessão, o nosso produto educacional como contribuição para o trabalho com as poesias de Bertolt Brecht.

5 METODOLOGIA

Apresentamos nesta sessão, os caminhos metodológicos que trilhamos no desenvolvimento desta pesquisa e, por conseguinte, na elaboração do nosso produto educacional. Para mim, uma etapa importantíssima, tendo em vista a aplicabilidade da pesquisa para a comunidade escolar, validando todo o estudo feito para se chegar a esse produto, mostrando a relevância da pesquisa.

Porém, como todo percurso apresenta dificuldades e atropelos, com nossa pesquisa não foi diferente. Infelizmente, não pudemos aplicá-la como tanto queríamos e nos preparamos para isso, tanto teórico, quanto metodologicamente. O Comitê de Ética demorou muito para assinar um parecer favorável e por conta dessa demora, não tivemos tempo hábil para a aplicação.

A nossa intenção seria realizar uma pesquisa de intervenção educacional exigida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica- PROFEPT, por causa do tempo, não foi possível a sua aplicação. Neste sentido, optamos por uma pesquisa de revisão bibliográfica, na qual fizemos um levantamento de informações a respeito dos escritos e da vida de Bertolt Brecht, em seguida, reunimos fontes sobre a obra de Karl Marx e suas influências. Depois deste material compilado, partimos para o aprofundamento nas leituras para construir um repertório de escrita argumentativo sobre a poética de Brecht. Em seguida, debruçamo-nos sobre as bases teóricas da EPT e da pedagogia histórico-crítica. Este mergulho nos proporcionou um maior aprofundamento para a construção do nosso Produto Educacional que, posteriormente, transformou-se em proposta educacional em forma de oficina proposta por rodas de conversa para apresentação de poesias do teatrólogo alemão Bertolt Brecht.

A partir deste desejo de desenvolver uma proposta palpável e perfeitamente aplicável em sala de aula, podemos compreender que a intervenção pedagógica possui a característica de ser uma pesquisa aplicada, tendo seu foco na solução de problemas e dinamicidade de recursos. Outra característica importante é a de ser uma atividade construída em parceria. Sobre isso, Robson (1995, *apud* Damiani *et al.*, 2013) compreende a importância da pesquisa aplicada:

[...] subsidiar tomadas de decisões acerca de mudanças em práticas educacionais, promover melhorias em sistemas de ensino já existentes, ou avaliar inovações. É por meio da pesquisa aplicada que, segundo esse autor, a produção acadêmica pode produzir o desejado impacto na prática (Robson, 1995, *apud* Damiani *et al.*, 2013, p. 58).

Nesse ínterim, refletiremos sobre questões muito interessantes para as nossas Rodas de conversa e que serão o centro das discussões. As poesias já serão pré-selecionadas por esta

pesquisadora e planejadas para que em cada dia seja discutido um tema, não impedindo que outros temas possam surgir. É importante lembrar que as poesias e os temas centrais são fundamentados nas bases da EPT.

5.1 As características da pesquisa

De acordo com Demo (1995), a metodologia é “disciplina instrumental para o cientista social”, por ser uma parte vital no processo da pesquisa, caracterizando os caminhos a serem percorridos durante a produção e análise do conhecimento.

O objeto da nossa pesquisa situa-se no campo teórico, para construí-lo, esmerilou-se a literatura especializada, a fim de extrair deles as informações necessárias para garantir um trabalho pautado em ações reais entre teoria e prática. Para Minayo (1994), “a pesquisa qualitativa é apropriada a realidade que possui um universo de significados e ideologias”. Neste intento, a presente pesquisa assentiu uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratório-explicativos, já que o objeto da pesquisa tem caráter teórico.

Sendo assim, o delineamento da metodologia definida para o nosso estudo, caracteriza-se por um conjunto de procedimentos de catalogação, análise e registro extraídos de pesquisas bibliográficas, direcionados a discorrer as propriedades qualitativas do presente estudo. Pois a partir das leituras que foram imprescindíveis para as análises e, conseqüentemente, para a escrita deste trabalho, foi possível conhecer e mensurar valores e teorias para qualificar a pesquisadora a construir um repertório de conhecimento para capacitar-se ao rumo da pesquisa e conhecimento no assunto.

Como afirma Gil (2002, p. 28), a pesquisa qualitativa trata-se de um “diálogo crítico com a realidade, culminando com a elaboração própria e na capacidade de intervenção”. Em suma, ao pesquisar, tornamo-nos sujeitos da nossa história, tomando atitudes na construção do nosso conhecimento a partir de outros que pensaram antes de nós, é assumir-se como construtor de conhecimentos que também servirão para outros, tornando o processo educativo libertador, autônomo e emancipatório. Assim, a pesquisa qualitativa é a abordagem apropriada para esta pesquisa, já que seu objeto de estudo é investigar os contributos pedagógicos da poesia de Bertolt Brecht para a formação humana e integral na EPT.

No tocante ao *corpus* teórico (fontes da pesquisa), Moraes (2003) nos esclarece que a pesquisa qualitativa proporciona a criação de uma postura de metodologias variadas no campo de ação, pois nos dá a possibilidade de relacionar diferentes aspectos da leitura, tais como,

delimitação, categorização e interpretação de dados, por que nos dá a devida compreensão aprofundada do objeto em estudo. Resultando em uma metodologia específica, adequada ao objeto de estudo, e de acordo com as definições do pesquisador. Delineando caminhos e técnicas ou instrumentos de coleta de informação para alcançar os objetivos definidos.

Esta é uma pesquisa de natureza aplicada, pois seu foco tem a intenção de produzir novos conhecimentos que possam ser aplicados ao processo educativo em debate, como também, desenvolver o produto educacional referente às poesias de Bertolt Brecht. Porém, não pudemos fazê-lo pela demora na liberação do parecer favorável pelo Comitê de Ética, não tivemos tempo hábil para isto. Com relação aos objetivos, esta pesquisa possui um caráter exploratório e explicativo.

Dessa forma, buscamos caracterizar, relacionar, abranger e aprofundar os temas em estudo com o objetivo de produzir um conhecimento preciso e qualificado, para em seguida, discorrer sobre seus significados, implicações e desdobramentos. Com relação à abordagem de caráter exploratório e descritivo, deveu-se por entender que a pesquisa necessita de amplitude bibliográfica inicial, para em seguida, comparar, relacionar e aprofundar os estudos temáticos.

Assim, evidenciou-se a historização na vida e obra do teatrológico alemão Bertolt Brecht e suas raízes históricas na teoria marxista, como também nas bases da EPT, apoiado na pedagogia histórico-crítica, para assim, produzir um repertório teórico enriquecido para a compreensão desse contexto na formação humana integral dos estudantes da educação profissional e tecnológica.

A proposta de intervenção pedagógica é própria do cenário de pesquisas aplicadas, pois garante mais aproximação entre o objeto da pesquisa e o pesquisador, porque favorece trocas de experiências concretas e aproximação entre os envolvidos, tornando o percurso mais humanizado. São investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações), destinadas a produzir avanços e melhorias nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam, e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (Damiani *et al.*, 2013).

A nossa proposta sugere que trabalhemos com o universo subjetivo da poesia de Brecht e suas contribuições para uma educação humana e integral, motivando aspirações, crenças, valores e atitudes, que pertencem a um contexto de relações, processos e fenômenos. Os nossos estudos ancoram-se nas teorias de Karl Marx, Engels, Gobbe, como também, em fontes da pedagogia histórico-crítica, principalmente, Saviani, Frigotto, dentre outros.

No tocante ao produto educacional, como exigência do programa de mestrado em curso, optou-se por uma proposta de intervenção em forma de oficinas pedagógicas, exatamente por

favorecer essas relações de trocas de experiências favorecendo um ambiente mais propício à aprendizagem e reflexão. Segundo Silva, Gomes e Lelis (2012), oficinas são atividades pedagógicas inovadoras, pois provocam excelentes resultados que contribuem com os processos educativos, visto que possuem como fim a elaboração de novos conhecimentos, que aplicados na prática contribuem com a melhoria de determinada realidade.

Neste intento, a prática de oficina se conecta perfeitamente com a arte da poesia de Brecht, pois, seus escritos favorecem a reflexão e o questionamento sobre as nossas relações com o modo de produção capitalista que, infelizmente, dita as regras em todos os espaços do nosso convívio. Também proporciona momentos de escuta de outras visões, tendo em vista que foi elaborada para que o seu desenvolvimento aconteça em forma de roda de conversa e de leituras compartilhadas.

Trazendo para o centro das discussões as vivências dos estudantes, seus anseios e perspectivas mediante ao mercado de trabalho, propiciando "situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos" (Do Valle; Arriada, 2012, p. 4). E a poesia nos aproxima de nós mesmos e da nossa "humanidade roubada", como bem nos lembra Paulo Freire: fomentando os anseios e sonhos!

5.2 Seleções dos poemas

Os poemas foram pré-selecionados pela pesquisadora, de acordo com os temas que serão abordados após a leitura. A nossa proposta não tem como objetivo apresentar uma estratégia inovadora para a educação, longe disso, nosso objetivo é fomentar o interesse pela poesia, em especial, a de Bertolt Brecht, que empreende em sua obra uma forma de aproximação da arte para o cotidiano das pessoas da classe trabalhadora. Ao contrário do que aprendemos no decorrer dos tempos com relação à arte, ela vem mostrar que ela emana do povo e deve ser pensada a partir das vivências dos sujeitos, dando visibilidade as agruras vividas pela exploração do capital.

Por muitos anos, compreendemos a arte como uma manifestação aquém da nossa realidade, pois ela foi distanciada do povo pela burguesia que a transformou em uma manifestação para o entretenimento ou para a elevação de heróis inalcançáveis. Com isso, discriminava a arte oriunda do povo como menor, marginal. Por anos, acreditamos que a arte popular não era importante, apenas a erudita.

Bertolt Brecht acreditava ser perfeitamente possível que a arte não adentrasse apenas teatros, mas a casa das pessoas, e por que não as escolas? A nossa proposta é desmistificar isso e trazer a leitura de poesia para o cotidiano dos nossos estudantes, e não apenas para a leitura e interpretação de texto, mas para refletir, fazer pensar! Nossa proposta é realizar os encontros em forma de oficina, para que os estudantes se percebam como responsáveis pela ação que depende de cada um para o seu sucesso. Além dos poemas, também sugerimos a utilização de músicas para ilustrar a ação, podcast, como também notebook, caixa de som, papéis, canetas e lápis coloridos.

5.3 Sobre a proposta da oficina

A oficina poderá ser desenvolvida a partir de encontros semanais nos horários das aulas da disciplina de Arte, com duração de 20 horas, a avaliação acontecerá por meio de questionário. Por fim, culminará com um Sarau Poético com os participantes, como forma de conclusão da oficina e como uma oportunidade de criar caminhos para a poesia brechtiniana.

As ações que sugerimos em nossa proposta servem de suporte para a escolha da poesia que eles irão apresentar, como também, para a forma será repassada para os discentes da turma.

Contribuindo para a formação acadêmica ampliada, não só proporcionando novos conhecimentos, experiências e vivências, mas também favorecendo o acesso aos elementos fomentadores da conscientização, politização e, principalmente, humanização dos futuros profissionais das diversas áreas do conhecimento.

A avaliação da intervenção pedagógica será realizada a partir do interesse e participação dos cursistas, visando o aprimoramento de práticas pedagógicas voltadas ao trabalho com a leitura e discussão de poesias de Brecht. Para tanto, podem ser utilizados os seguintes métodos:

- a) Observação direta: realizada pela ministrante da oficina no decorrer dos encontros;
- b) Questionário: roteiro com questões abertas sobre a oficina, aplicado ao final da intervenção pedagógica;
- c) Além do interesse e envolvimento dos participantes.

6 PROPOSTA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Este capítulo tem o objetivo de apresentar uma proposta de Produto Educacional – PE, intitulado “Contribuições das Poesias de Brecht Para a Formação Integral na Educação Profissional e Tecnológica”, e se refere a um curso de curta duração, tendo o formato de oficina pedagógica, pensado para ser desenvolvido e aplicado com estudantes do Ensino Médio Integrado - EMI, especificamente, na aula de arte/teatro. Ela possui uma carga horária estipulada em 20 horas presenciais e visa apresentar e refletir sobre algumas poesias do teatrólogo alemão Bertolt Brecht.

A proposta da oficina tem como principal objetivo fomentar o pensamento crítico e as discussões que norteiam a influência do capitalismo em nossas vidas, bem como o entendimento da dimensão trabalho como princípio educativo, conceito primordial para o currículo da Educação Profissional e Tecnológica - EPT, proporcionando uma integração entre teoria e prática de uma forma transformadora.

A busca por uma educação humana e integral, nesta perspectiva, prescinde das categorias como trabalho, ciência, cultura e tecnologia, propostas da integração curricular, politecnia e *omnilateralidade*. Acreditamos que a poesia de Brecht pode ser um caminho para a integração dos saberes sistematizados na escola, despertando uma visão crítica quanto às relações pessoais e atuação profissional dos estudantes, auxiliando para uma formação completa, libertando as ideias e estimulando a emancipação dos estudantes quanto às amarras do capitalismo.

Entendemos que a poesia é um gênero textual imprescindível para a formação crítica dos estudantes, sobretudo, a de Bertolt Brecht, por explorar em sua escrita, a luta de classes e a exploração capitalista. Com isso, a concepção do curso adveio pela necessidade desses textos serem mais explorados no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), principalmente no Ensino Médio Integrado (EMI). Compreendemos que incentivar a sua leitura e discussão favorece a compreensão dos jovens sobre o seu posicionamento perante a sua visão do mundo e seu papel social.

Propomos como público alvo deste curso, alunos do EMI, entretanto, esta atividade também poderá ser replicada no ensino médio em geral. Neste caso, deverá ser desenvolvido a partir de rodas de conversas para a leitura e discussão dos poemas de Brecht.

Buscando entender a relevância deste PE, identificamos que tratar de poesia é um tema de muita responsabilidade, pois envolve sensibilidade e construção de sentidos. Por esse motivo, a nossa proposta de produto educacional, deveria ser algo que fizesse sentido, e, principalmente, sensibilizasse os participantes. Nesse intento, pensamos no formato “Oficina Pedagógica”, pois além da escuta, também ocasiona discussões a partir da ação-reflexão-ação. Oportunizando vivências concretas e significativas, acerca dos textos apresentados tendo como base o tripé: sentir, pensar e agir (Do Valle; Arriada, 2012, p.4).

Segundo os autores acima citados, o referido tripé é uma maneira eficaz de construir conhecimentos, com ênfase na ação das propostas apresentadas, sem esquecer a base teórica, ou seja, construindo o conhecimento a partir das experiências sentidas e pensadas, resultando em um conhecimento significativo.

Preconizando também a interdisciplinaridade na construção do conhecimento escolar, principalmente na dimensão política, pois viabiliza uma visão crítica a fim da transformação da realidade a partir das categorias primordiais da EPT: trabalho, ciência, cultura e tecnologia, tudo isso de forma integrada.

Partindo do pressuposto que a sala de aula deve propiciar o conhecimento crítico, a oficina é uma prática que atende aos nossos anseios, por ser um espaço que considera os objetivos do ato de ensinar, considerando os pensamentos, sentimentos e ações, sensibilizando o aprendizado por meio da reflexão. Ensina e aprende simultaneamente, estabelecendo uma cadeia de sentidos interativos entre professores e alunos, pois, “as oficinas propiciam espaço para aprender com dinamismo. Existe uma cumplicidade entre os alunos, o professor e o recurso instrucional, permitindo a construção do conhecimento” (Vieira; Volquind, 2002, p.11).

Oliveira (2017) completa:

A utilização de oficinas pedagógicas na sala de aula permite que se trabalhem diversos conteúdos que devem ser passados no dia a dia pelo docente de forma mais dinâmica, reflexiva e interdisciplinar, na medida em que possibilita o desenvolvimento de atividades com várias temáticas diferentes, facilitando também o aprendizado, pois visa à articulação de conceitos teóricos com a realidade vivenciada do aluno. Além de promover o trabalho em equipe para a realização de tarefas, isto é, utilizar as oficinas pedagógicas como prática de ensino significa fazer uma junção entre a ação, à reflexão e a interação (Oliveira, 2017, p.36).

Trabalhar a poesia, sobretudo a de Brecht, é de grande relevância para um pensar crítico e reflexivo, pois compreende o aluno como um sujeito perfeitamente capaz de pensar e de ser coautor na construção do conhecimento. Estabelecendo práticas interdisciplinares para a sua formação discente, práticas favoráveis à construção de metodologias integrativas, visando a

quebra da dicotomia entre as disciplinas propedêuticas e as disciplinas técnicas. Perpassando a velha dualidade entre os conhecimentos da educação básica e o mundo do trabalho.

Percebe-se a relevância deste curso, também por explorar a poesia de Bertolt Brecht de uma forma pedagógica. Trazer para a discussão seus escritos de uma forma reflexiva, apoiada em práticas interdisciplinares totalmente planejadas em abordagens da EPT, torna o fazer pedagógico fortalecido pela prática crítica da aprendizagem significativa, tão exigida na educação profissional e tecnológica.

Como *objetivos de aprendizagem*, o presente PE, no formato de Oficina Pedagógica direcionada aos alunos do Ensino Médio Integrado, visa identificar na poética de Bertolt Brecht, por meio de alguns poemas, os seus contributos pedagógicos, que poderão servir de norteio para a reflexão dialética dos estudantes no que concerne ao aprendizado crítico e reflexivo. Analisar como a poética de Brecht pode contribuir na reflexão formativa a respeito dos conceitos sobre trabalho, luta de classes e dialética; refletir sobre as categorias: trabalho, escola e luta de classes como conteúdos essenciais à formação política dos estudantes; discutir a respeito da reflexão crítica dos estudantes sobre o trabalho como princípio educativo a partir da leitura e encenações de poesias brechtinianas;

A proposta deste PE baseada nos eixos norteadores da EPT buscando em sua essência é proporcionar não apenas uma exposição das poesias de Brecht, mas também de refletir sobre esses escritos de uma forma crítica. Ancorados especialmente na politecnia e *omnilateralidade*, bases teóricas que fundamentam práticas de integração de saberes e se relacionam diretamente ao currículo da EPT, evidenciando o trabalho como princípio educativo.

Neste intento, nosso trabalho busca romper com o paradigma capitalista do individualismo, isto é, nossa ideia é de construção coletiva de saberes, viabilizada através das rodas de conversas e de uma prática educativa que estimula a criticidade “para um tipo de formação comprometida com a construção de um futuro mais justo e que busca um modelo de formação que favoreça os processos de qualificação dos trabalhadores” (Araújo, 2008, p. 55).

Dessa forma, percebemos o diferencial proposto pela oficina, pois estimulamos através da leitura e discussão dos poemas de Brecht uma visão crítica acerca das problemáticas da vida, favorecendo a autonomia para que esses estudantes percebam o quanto são importantes para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, como também sua atuação junto ao meio social em que está inserido, buscando práticas favoráveis à comunidade com o objetivo de compreender-se como parte do processo de mudança, e não apenas como massa de manobra, como nos dizem Araujo e Frigotto (2015), possibilidades reais de os alunos desenvolverem capacidades amplas e ilimitadas, que lhes permitam compreender a totalidade.

Com vistas à elaboração e, conseqüentemente, uma melhor participação dos cursistas, foi necessário um debruçar minucioso sobre a obra de Bertolt Brecht, a fim de selecionar um material estimulante e que promovesse uma produção de conhecimento significativo aos participantes do curso.

Quadro 1: Títulos das poesias de Brecht

Elogio do Aprendizado	Aborda a importância do conhecimento no combate a ignorância;
O Pão do Povo	Aborda a desumanização do capitalismo e que a arte pode nos livrar dessa condição;
Cartas de um Trabalhador Que Lê	Preconiza a importância da classe trabalhadora na construção e sustentação das grandes civilizações;
De que Serve a Bondade	Refletiremos sobre a bondade nos dias de hoje.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Neste sentido, nossa *proposta metodológica* é baseada em “Rodas de Conversas”, direcionadas por meio da leitura e discussões dos poemas em atividades em grupo, diálogos, debates e reflexões ao longo do processo e também como instrumentos de estratégia política libertadora, que favorece a emancipação humana, política e social dos sujeitos. Ademais, nossa proposta se apoia na pedagogia crítica de Paulo Freire, tendo como objetivo primordial, viabilizar ações comprometidas com a transformação social, com a necessidade e anseios dos jovens e a favor do fim da condição de dominação estabelecida pelo capitalismo.

Quadro 2: Metodologia da oficina

Rodas de conversa;	Direcionadas por meio de leituras das poesias de forma compartilhada com diálogos, favorecendo a participação e valorização de todos.
--------------------	---

Fonte: Autoria Própria, 2023.

A *Roda de Conversa* foi a estratégia utilizada para mediar os diálogos que ocorrerão na nossa oficina. Corroborando Freire (1987), que acreditava que a palavra liberta, “pois promove a transformação no mundo” e é através dela que nos libertamos.

A dinâmica da roda oportuniza uma compreensão da importância do diálogo e da valorização das vivências partindo de uma visão de mundo em que o homem dialoga e respeita o outro. “O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 1987, p. 91). Segundo Mélo e colaboradores (2007), as “Rodas de Conversa” privilegiam discussões em torno de uma temática e, por meio do diálogo, os participantes expõem suas ideias, elaborando novos conceitos, estimulando a participação dos outros.

Tornando o diálogo mais participativo, pois torna a discussão mais próxima do seu pensamento e dos demais participantes, que vão se sentir estimulados a opinar também, tornando a construção do pensamento mais real, ressignificando saberes e sentidos sobre suas vivências, tornando-os atores históricos, críticos e reflexivos. Tendo um formato circular que possibilita igualdade no posicionamento das cadeiras na sala, com uma visualização mais igualitária de pensamento e não mais hierárquica, contribuindo para a fluidez das ideias e estímulo da participação ético-política e transformação social de todos (Mello *et al.*, 2007).

As “Rodas de Conversa” são importantes em nossa proposta, porque priorizam discussões em torno de um tema e, através do diálogo, os envolvidos elaboram seus pensamentos acerca da escuta e também diálogo das suas vivências, estimulando a participação e compartilhamento de ideias de uma forma respeitosa e colaborativa a partir do diálogo entre os sujeitos é que as ações efetivam-se e, conseqüentemente, acontecem a reflexão e a mudança social. Com isso, ao se sentirem ouvidos e valorizados, os participantes tornam-se sujeitos de si, protagonistas de suas existências, condutores do seu caminho na busca do conhecimento a partir da fala/escuta/reflexão/ação. O movimento na “Roda de Conversa” nos conduz a essa condição de autonomia, liberdade de expressão e construção coletiva de saberes. Foi partindo dessa compreensão que consideramos a “Roda de Conversa” um instrumento capaz de nos apresentar caminhos para que a nossa proposta fosse oportuna e perfeitamente aplicável em espaços educativos.

Compreendemos que não existe uma fórmula mágica, ou receita a ser seguida para um resultado esperado, esta não é a nossa intenção, porém, a busca por uma educação integral é feita de possibilidades e observações, erros e acertos. É de suma importância considerar especificidades.

O professor ou coordenador da oficina não se limitará ao único detentor do saber, mas dará oportunidade para que os participantes saibam o que precisam saber, portanto, a aprendizagem é baseada no aluno e não no professor. A construção do conhecimento e das ações relacionadas advém principalmente dos conhecimentos prévios, habilidades, interesses, necessidades, valores e julgamentos dos participantes (Paviani, 2009).

De acordo com Do Valle e Arriada (2012), como qualquer atividade de ensino, uma oficina também precisa ser planejada, mas no processo de execução, ela assume características diferenciadas, ou seja, o planejamento das ações deve acontecer mediante a questões observadas nos encontros com os participantes.

Numa troca salutar de saberes entre o professor e alunos, construindo saberes significativos e não apenas “codificados”. Proporcionando uma integralidade de conhecimentos, coadunando assim em uma “postura de auto-observação, autoanálise, questionamento e experimentação (Perrenoud, 2002, p. 45).

Por fim, é importante reforçar que as oficinas pedagógicas não devem focar somente em conteúdos prontos, mas valorizar a vivência e a reflexão dos participantes sobre as suas práticas sociais. Compreendemos assim, que estas contribuem para uma educação integral, pois enfatizam o protagonismo e a interação entre os envolvidos no processo de aprendizagem: professores e alunos.

Os *conteúdos* pensados para a nossa atividade foram organizados com o objetivo de oportunizar a reflexão e transformação social. Para isso, alinhamos as poesias de Brecht, a fim de que estas trouxessem para a discussão temas bem pertinentes e oportunos para a EPT.

Quadro 3: Conteúdos ministrados na oficina

Tipos de Conteúdos	Ministrados nas oficinas
<i>Conceituais</i> : exemplos e conceitos;	Pensamento crítico e dialético, luta de classes, modo de produção capitalista;
<i>Procedimentais</i> : de que forma foi realizado e os subsídios;	Pesquisa, leituras e atividades interdisciplinares;
<i>Atitudinais</i>	Colaboração, diálogo, autonomia, atitude reflexiva e crítica.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Diante do exposto e objetivando o oferecimento de suporte para uma aprendizagem integral, evidenciamos Zaballa (1998) a partir dos conteúdos atitudinais, conceituais e

procedimentais, com o intuito de conectá-los às bases da EPT e tornar a nossa oficina uma atividade verdadeiramente significativa.

Sendo assim, evidenciamos os conteúdos conceituais (fatos, objetos ou situações, bem como relações de causa e efeito); procedimentais (ações ordenadas para a realização de um objetivo) e atitudinais (normas, valores e atitudes). O conteúdo, “conceitual” faz referência ao objetivo geral “Identificar na poética de Bertolt Brecht por meio de alguns poemas, os seus contributos pedagógicos, que poderão servir de norteio para a reflexão política dos estudantes”, captando a essência da proposta do nosso produto educacional.

Já a forma como ela será realizada é a partir dos subsídios para que os estudantes possam desenvolver a criticidade intermedida pelas leituras das poesias de Brecht caracterizam os conteúdos procedimentais. Os conteúdos atitudinais são muito importantes no processo de desenvolvimento das oficinas, devendo ser observados a todo instante, vale ressaltar que os conteúdos estarão imbricados, favorecendo atitudes de reflexão e pensamentos críticos.

Para finalizar a nossa oficina, temos a *fase de avaliação*, que tem um papel muito importante no processo de construção do conhecimento. Em nosso produto educacional, esse processo será realizado a partir da observação e relevância das informações repassadas: se houve coerência enquanto objeto de aprendizagem, se atingiu os objetivos propostos e pela motivação a partir do envolvimento e levantamento de questionamentos sobre as informações explanadas para observar a relevância das informações passadas, coerência, e a utilização da oficina enquanto objeto de aprendizagem, motivação quanto à participação e levantamento sobre as reflexões acerca dos conceitos que foram explorados no decorrer dos encontros.

Destacamos que ao longo da oficina serão realizados momentos de indagação sobre como a oficina está sendo conduzida e que outras perguntas podem ser discutidas. Contudo, ainda é necessário compreender se os objetivos dos encontros foram atingidos, bem como, em que essa prática pode ser ainda melhor.

Para isso, faremos ao final dos encontros uma *avaliação* com a turma através de um questionário que os estudantes irão respondê-lo e onde nos debruçaremos para construir uma narrativa de como foi desenvolvido o nosso produto educacional. Contudo, é de suma importância a análise minuciosa dos resultados da oficina para que possamos também avaliar a nossa atuação enquanto pesquisador.

O Produto Educacional proposto pela nossa pesquisa deve, antes de tudo, ser um instrumento de promoção de estratégias para uma educação pública de qualidade, promovendo espaços para a reflexão e conhecimentos críticos e “[...] contribuindo para uma educação menos injusta e mais participativa e dialógica”, como evidencia Chisté (2018, p. 338).

Para que a nossa proposta avaliativa acolha todos os critérios e possa realmente contribuir para uma educação mais libertadora, seguimos como norte os eixos temáticos propostos por Káplun (2002, 2003): *Conceitual, temático e comunicacional*. O eixo conceitual diz respeito à importância de se conhecer o tema, para que assim, possa associá-lo aos debates que necessitam explorar em sua pesquisa, com relevância e responsabilidade, validando seus estudos como um meio importante para a mudança social, bem como unindo teoria e prática a partir das observações e opiniões dos participantes, numa troca de conhecimentos.

Dessa forma, a composição do material será de valia para o uso efetivo e não apenas como objeto ilustrativo. O eixo pedagógico deve ser o articulador da produção do material, pois deve ser composto para o uso em sala de aula, servindo para enriquecer discussões que resultem em melhorias para a educação. E por fim, o eixo comunicacional dá conta de tornar esse material relevante visualmente, para que assim, possa chegar a muitos espaços.

6.1 Sobre o planejamento da oficina

A seguir, expomos um esboço do planejamento da oficina “Contribuições da poesia de Brecht para a Formação Integral”, este planejamento envolve todas as etapas para o desenvolvimento do produto educacional, em que intercalamos momentos que envolvem desde a visita ao local que a oficina será ministrada, conversas iniciais com o diretor das escolas e também o professor da disciplina de arte, até os encontros presenciais com os estudantes.

Quadro 4: Planejamento e duração da oficina

1º encontro- 1 hora Encontro presencial com a equipe diretiva e professor da disciplina de arte;	Apresentação da oficina;
2º encontro- 1 hora	Reunião com os discentes para apresentação da oficina e preenchimento da inscrição e entrega das declarações TALE e TCLE;

3° Encontro- 1hora	Reunião com os discentes para o recebimento das declarações assinadas pelos responsáveis;
4° Encontro- 2 horas	Bertolt Brecht? Quem é? Quais suas contribuições sociais na formação política?
5° encontro- 3 horas	Pensamento dialético;
6° encontro- 3 horas	Modo de produção capitalista;
7° encontro- 3 horas	Luta de classes;
8 ° encontro- 3 horas	Liberdade;
9° encontro- 3 horas	Sarau poético.

Fonte: Autoria própria, 2023.

A exposição de cada encontro será apresentada a seguir, em que serão dispostos os conteúdos ministrados, seguindo-se de uma breve descrição da metodologia. Ao final, exponho os recursos que utilizei seguidos de suas respectivas fontes de pesquisa.

No primeiro encontro será dedicado um tempo muito importante, porque consideramos ser de muita relevância para o êxito da proposta das nossas oficinas, pois, é uma atividade que requer uma boa aceitação da instituição em que será desenvolvida. Por isso, propomos uma visita *in loco* para conversar com a equipe diretiva, e assim apresentar a proposta do nosso produto educacional.

Neste mesmo dia, é importante conhecer o professor da disciplina de arte/educação, para a apresentação da proposta e, em comum acordo com ele, conhecer um pouco da turma onde será desenvolvida a oficina, visto que o segundo encontro será para ter contato com a turma para apresentar a oficina.

Será feita uma breve explanação de como acontecerão as atividades e, em seguida, será distribuído com a turma o formulário de inscrição e a entrega dos termos TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para

o seu devido preenchimento. É importante também estar presente durante toda a aula para prestar esclarecimentos quanto a possíveis dúvidas com relação ao preenchimento das informações dos formulários, para aqueles que já atingiram a maioridade.

Os que necessitam da aprovação dos responsáveis levarão declarações para casa e trarão assinadas no encontro seguinte. No terceiro encontro, iremos nos reunir com os discentes para o recebimento das declarações assinadas pelos responsáveis.

Nos encontros seguintes, apresentaremos as poesias de Brecht através das Rodas de Conversas e as discutiremos com os participantes. Para cada encontro uma poesia, seguida de atividades relacionadas às discussões. No quarto encontro, conheceremos quem foi Bertolt Brecht, e sua contribuição poética para o mundo. Para concluir, realizar-se-á apontamentos sobre a importância da arte e poesia de Brecht para a reflexão dos trabalhadores, finalizando assim o encontro.

A partir do quinto encontro, nossas discussões abordarão temas muito pertinentes para a atualidade, especificamente, para os estudantes da educação profissional. Como o pensamento dialético, o modo de produção capitalista e a luta de classes. As leituras serão desenvolvidas de forma compartilhada para que todos possam participar.

Ao final de cada encontro, faremos atividades de produção textual e visual, como também leituras, ouviremos podcasts e músicas relacionadas aos temas. Ademais, faremos a avaliação, que acontecerá mediante a participação e interesse dos participantes.

Por fim, no último encontro, os participantes respondem um questionário avaliativo sobre o que acharam da oficina. A culminância será um Sarau Poético, no qual os grupos escolherão as poesias que serão apresentadas para a turma, a critério de cada grupo, culminando em um grande momento poético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de escrever as considerações finais deste trabalho tão recompensador. Pois com ele experienciamos o prazer e a dor de conhecer um autor de tamanha importância não só para o cenário artístico, sua grandeza era tamanha que não coube nos palcos. Transcendeu e fez morada em outros espaços e, como ele mesmo imaginava, invadiu diversos lugares e mentes.

A experiência dúbia acima mencionada vem do prazer de ter podido me aprofundar em sua obra, a convite do meu orientador Dr. Fábio Alexandre, que me deu a ideia de defender a poesia de Brecht como contributo pedagógico para a formação humana, que através de suas poesias, abriu um portal sem volta ao maravilhoso mundo dos escritos brechtinianos, um caminho sem volta para mim.

Ouso dizer que sou muito mais exigente e cuidadosa com minhas ações, ponderando e refletindo muito mais. Também pelo prazer da certeza da relevância da nossa pesquisa, pois, falamos sobre alguém que verdadeiramente contribuiu para um mundo melhor. Em contrapartida, também padecemos pelas incertezas, algumas críticas e pelos prazos tão massacrantes.

Mesmo assim, em cada poesia, uma reflexão, e em cada reflexão, muitos questionamentos, sobre o quanto a liberdade de pensar nos livra da prisão cotidiana e desanimadora do sistema, fazendo-nos compreender que somos seres políticos e que é na coletividade que nos libertaremos.

Assim, podemos entender que a arte objetiva a libertação das ideias e não o seu aprisionamento em conceitos burgueses amparados por posicionamentos capitalistas. A arte deve imitar a vida! Uma máxima muito difundida, porém, não cabe apenas imitar e assim reafirmar conceitos, deve ir mais além... Levar-nos a pensar e assim, lutar por mudanças. Pois a arte deve fazer parte da vida de todo indivíduo, independente da sua classe social e deve ser acessível. Um ato político do ser. E não, simplesmente, um instante de contemplação ou imitação.

Através de filtros e maquiagens enxergamos pelas lentes multicoloridas o que o trabalho artístico atualmente vem se tornando. Obras superficiais e descontextualizadas, nas quais conceitos rasos tomam conta da cena cotidiana. Não se valoriza mais o pensar, apenas impactar momentaneamente.

Os aspectos sociais são deturpados em detrimento da mesmice estúpida que maciçamente empurram em nossas gargantas para que possamos consumir, sem nem mesmo digerir. Apenas aceitar! A superficialidade artística reina e vai se firmando, infelizmente.

O nosso trabalho teve como objetivo compreender as reflexões que a poética de Bertolt Brecht pode trazer ao processo de formação humana e integral propostos pela Educação Profissional e Tecnológica, por meio das reflexões e sentidos produzidos na e pela leitura das suas poesias em sala de aula, proporcionando uma educação crítica e reflexiva.

As poesias foram se constituindo dessa forma, em instrumento de reflexão do processo de formação humana e integral, por meio dessa leitura compartilhada, pela discussão dos princípios didáticos inerentes a essas poesias e, sobretudo no desenvolvimento das análises, estudos e construção dessa pesquisa.

Os caminhos percorridos no decorrer da pesquisa tiveram início no estudo e compreensão dos caminhos dialéticos da arte de Brecht, sua influência em Karl Marx e pelo teatro político de Piscator. Chegando ao Brasil e sendo desenvolvido o teatro do oprimido por Augusto Boal por influência do teatro de Brecht.

O segundo momento baseou-se nos princípios conceituais que respaldam a sua poética, situando-a em seu contexto histórico e de produção, buscando desvendar as relações entre seu conteúdo e forma no contexto da EPT, e seus contributos pedagógicos amparados pela pedagogia histórico-crítica. No terceiro momento, refletimos sobre a formação de professores na perspectiva teatral brechtianiana e também apresentamos quatro de suas peças didáticas, como também possibilidades de desenvolvê-las no EMI.

Por fim e não menos importante, deixamos a nossa contribuição por meio desse estudo, a nossa proposta de Produto Educacional, que foi pensado para ser desenvolvido no formato de curso de curta duração, em forma de “Oficina Pedagógica”, com tempo de duração de 20 horas em que apresentamos um roteiro de atividades baseadas nas poesias de Brecht e divididas em nove encontros. Tais atividades são desenvolvidas metodologicamente por meio de “Rodas de conversa”. Culminando em um “Sarau Poético”, atividade a ser apresentada pelos alunos participantes da oficina.

Infelizmente, não pudemos desenvolver o nosso Produto Educacional como tínhamos pensado, pois fomos prejudicados pela insensibilidade do Comitê de Ética que ao se recusar assinar o parecer, foi protelando até nos deixar sem tempo hábil para o pleno desenvolvimento da nossa Oficina.

O processo pedagógico sempre esteve presente na poesia de Brecht. Os objetivos dos seus escritos sempre foram o de formar a classe trabalhadora através da reflexão crítica acerca da exploração do sistema capitalista, libertando-os das amarras da ignorância.

A arte do teatro é para Brecht uma escola que ensina a pensar a partir das agruras da vida, espaço para o entendimento e conscientização do povo por meio da dialética marxista. Um material inesgotável de conhecimento, ousamos dizer um oásis no deserto da ignorância.

Temos a pretensão de continuar no doutorado os estudos sobre poesia e educação. Na certeza de que arte e educação são indissociáveis no processo da aprendizagem crítica e reflexiva, pretendemos aprofundar a pesquisa do teatro dialético para a Pedagogia Histórico-Crítica, aprofundando os estudos do trabalho como sentido educativo. Avante iremos sonhando e resistindo! “(...)Só ensinados pela realidade é que podemos transformar a realidade.” (Brecht, 1991, p. 266). Assim, prossigo sonhando e transformando a realidade a partir do conhecimento e da busca por dias melhores.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Sobre Brecht e Marx. **Crítica Marxista**. UNICAMP. 1968. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo247artigo137artigo138arigo3.pdf. Acesso em: jul. 2023.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Formação de docentes para a educação profissional e tecnológica: por uma pedagogia integradora da educação profissional. **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 1-16, 2008.

ARAÚJO, R.M.L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, mai./ago. 2015.

BAUDELOT, C.; ESTABLET, R. **L'École capitaliste en France**. Paris: Librairie François Maspero, 1971.

BRECHT, Bertolt. **Teatro dialético**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BRECHT, Bertolt. **Teatro Completo 3**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRECHT, Bertolt. **Diário de trabalho**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

BRECHT, Bertolt. **Teatro completo: A decisão**. São Paulo: Paz e Terra. v. 3, 1991.

BRECHT, Bertolt. **Teatro Completo 12**. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

BRECHT, Bertolt. **POEMAS 1913-1956**. 7.ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 1ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BORNHEIM, Gerd. **Brecht: A estética do Teatro**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

CHISTÉ, Priscila de Souza. Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na Área de Ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. **Revista Investigação Qualitativa em Educação**, v.1, 2018.

COSTA, Cristina. **Educação, imagens e mídias**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

COMENIUS, J. **A didática magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

DAMIANI, M. F.; ROCHEFORT, R. S.; CASTRO, R. F. DE; DARIZ, M. R.; PINHEIRO, S. S. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**, n. 45, p. 57-67, 11.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

DO VALLE, H.S.; ARRIADA, E. “Educar para transformar”: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistemica**, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 1. ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, G. Teoria e práxis e o antagonismo entre a formação politécnica e as relações sociais capitalistas. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.7, p. 67-82, 2009.

FRIGOTTO, G. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Revista Trabalho Necessário**, v. 13, n. 20, 2015.

GERALDO, Antonio Carlos Hidalgo. **Didática de ciências naturais na perspectiva histórico- crítica**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

GIANINI, M. **A peça didática de Bertolt Brecht na formação de professores de teatro**.

Anais do Simpósio da International Brecht Society, v.1, 2013. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/ppgac/wp-content/uploads/2013/10/A-pe%C3%A7a-did%C3%A1tica->

de-Bertolt-Brecht-na-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores-de-teatro.pdf. Acesso em jul. 2023.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOBBE, Juliana Gonçalves. **O teatro político de Brecht no processo de formação humana**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2001.

HELIODORA, Barbara. **O teatro explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KAPLÚN, G. **Contenidos, itinerarios y juegos: tres ejes para el análisis y la construcción de mensajes educativos**. VI Congreso de ALAIC - Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, 2002.

KAPLÚN, G. Materiais educativos: experiência de aprendizado. **Revista Comunicação & Educação**, 271, p. 46-60, 2003.

KONDER, L. Ideologia e Política. **Revista USP**, n. 49, p. 24-29, 2001

KOUDELA, I.D. **Brecht: Um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

KOUDELA, I.D. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. 3. Ed. Campinas: Editora alínea, 2017.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política. Livro Terceiro: O Processo Global da Produção Capitalista**. Tomo 1. 2ª ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986.

MARX, Karl. **O capital – Livro 1**. 124 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico Filosóficos 1844**. Tradução e notas Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. 2 ed. São Paulo: Martim Claret, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. 2 ed. São Paulo: Martim Claret, 2001.

MARX, K. ENGELS, F. **Lutas de classes na Alemanha**. 1 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MEHRING, Franz. **Karl Marx – A história de sua vida**. 1. ed. São Paulo: Sundermann, 2013.

MÉLLO, R. P. *et al.* Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, 2007.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e educação**. Bauru, v. 9, n. 2, 2003.

OLIVEIRA, M.G.M. **Oficinas pedagógicas e Aprendizagem Significativa: contribuições para a construção dos saberes geográficos nos anos iniciais do ensino fundamental**. Monografia. UNEB, Bahia, 2017.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Ensino Médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Brasil, 2000. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/BasesLegais.pdf>. Acesso em jul. 2023.

PAVIANI, N.M.S. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura: filosofia e educação**, v. 14, n. 2, 2009.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica. **Artmed**, Porto Alegre, 2002.

PISCATOR, Erwin. **Teatro Político**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

RAMOS, Marise. **Concepção do Ensino Médio Integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, v. 8, 2008. Disponível em http://forumaja.org.br/go/sites/forumaja.org.br.go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrad_o5.pdf . Acesso em: jul. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1989.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Do senso comum à consciência filosófica**. 18.ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, D. A Pedagogia Histórico-Crítica. **Revista Binacional Brasil Argentina**. Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 11-36, dez. 2014.

SAVIANI, Dermeval. **História do Tempo e Tempo da História – estudos de historiografia e história da educação** 1.ed. Campinas: Autores Associados, 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 12.ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, P.A.S.; GOMES, R.J.; LELIS, D.A.J. **A importância das oficinas pedagógicas na construção do conhecimento geográfico: novas proposições metodológicas para o ensino da geografia**. VI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão, SE, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10180/23/22.pdf>. Acesso em jul. 2023.

VASQUES, E. **Piscator e o conceito de “Teatro Épico”**. 2.ed. Editora Escola Superior de Teatro e Cinema, 2007.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. Rio de Janeiro: Editorial Boitempo, 2006.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1998.

ANEXOS

Cronologia da vida e obra de Brecht:

- 1898 – 10 de fevereiro. Nasce em Augsburg, no sul da Alemanha. Filho de Bertolt Brecht e Sophie Brecht;
- 1904 – 1908 – Escola primária, Augsburg;
- 1908 – Escola secundária;
- 1914 – Publica os primeiros trabalhos no jornalzinho da escola;
- 1916 – Manifesta-se contra a guerra, numa redação escolar;
- 1917 – Começa a estudar Medicina e Ciências Naturais na Universidade de Munique;
- 1918 – Convocado para o serviço militar como enfermeiro num hospital de Augsburg. Escreve sua primeira peça, *Baal*;
- 1919 – Atua como crítico teatral. Tem um filho com a namorada Paula Banholzer: Frank. Escreve *Tambores da Noite*;
- 1920 – Morre sua mãe. Viaja para Berlim;
- 1921 – Conhece o dramaturgo Arnolt Bronnen;
- 1922 – Estreia de *Tambores da Noite* em Munique. Recebe o prêmio Kleist pela peça *Casamento com Marianne Zoff*;
- 1923 – Nasce a filha Hanne. Estreia de *Na Selva das Cidades* em Munique, de *Baal* em Leipzig. Conhece Helene Weigel. Ameaça ser detido;
- 1924 – Estreia de *Eduardo II*, peça de Christopher Marlowe. Muda-se para Berlim. Nasce seu filho Stefan com Helene Weigel. Conhece Elisabeth Hauptmann, sua colaboradora para o resto da vida;
- 1925 – Trabalha na peça *Um Homem é um Homem*;
- 1926 – Lê o *Capital*, de Karl Marx. Vê *A Corrida do Ouro*, de Charles Chaplin. Estréia da Peça *Um Homem é Um Homem*. Organiza a primeira coletânea de poemas, *O Manual de Devoção de Bertolt Brecht*;
- 1927 – Apresentação da *Pequena Mahogany*. Separa-se de Marianne Zoff;
- 1928 – Estreia de *A Ópera dos Três Vinténs* em Berlim. É premiado em um concurso de contos com *A Besta*;
- 1929 – Conhece Walter benjamim. Casa-se com Helene Weigel. Apresenta o *Voo de Lindembergh*;

- 1930 – Nasce a filha Barbara. Estreia *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny* em Leipzig e *A Medida* em Berlim. Escreve *Santa Joana dos Matadouros* para Carola Neher. Publica as *Histórias do Sr. Keuner*, *A Exceção e a Regra*, *O Que Diz Sim e o Que Diz Não*;
- 1931 – Férias no Sul da França. Walter Benjamin lhe apresenta *Contos de Kafka*. Escreve o roteiro do filme *Kuhle Wampe*. Em colaboração escreve a peça *A mãe*. Baseada em Maksim Górkii;
- 1932 – A peça *A Mãe* é encenada. O filme *Kuhle Wampe* é proibido, e depois liberado com cortes.
- 1933 – Os nazistas chegam ao poder. Brecht deixa o país com Helene Weigel e o filho Stefan;
- 1934 – Escreve *Os Horácios e os Curiácios*;
- 1936 – Torna-se coeditor da revista *Das Wort*, publicada em Moscou;
- 1937 – Estreia de *Os Fuzis da Senhora Carrar*, Paris;
- 1938 – Escreve a primeira versão de *Vida de Galileu* (primeira versão);
- 1939 – Vai para a Suécia. Morre seu pai na Alemanha. Escreve *O Interrogatório de Lúculo*. *Mãe Coragem e Seus Filhos*. Conclui os *Poemas de Svendborg*. Planeja exilar-se na América;
- 1940 – Muda-se para a Finlândia;
- 1941 – *Mãe Coragem* é encenada em Zurique;
- 1943 – Estreia de *A Boa alma de Set-Suan* e *A vida de Galileu* em Zurique. Morre seu filho Frank;
- 1944- Escreve *O Círculo de Giz Caucasiano*;
- 1945 – Começa a escrever uma versão em versos do *Manifesto comunista* (não concluída);
- 1946 – Planeja voltar a Europa;
- 1947 – Deixa os Estados Unidos e vai para a Suécia;
- 1948 – Junto com Caspar Neher encena *Antígona* de Sófocles;
- 1949 – *Mãe Coragem* estreia no *Deutsches Theater*;
- 1950 – Obtém a cidadania austríaca;
- 1951 – Ganha o Prêmio Nacional RDA;
- 1952 – O *Berliner Ensemble* excursiona pela Polônia;
- 1953 – Em março Stálin morre e em junho acontece a revolta dos trabalhadores em Berlim Oriental. Escreve *O Congresso dos Alvejadores* e as *Elegias de Buckow*;
- 1954 – Ganha o prêmio Stálin da Paz;
- 1955 – Escreve *Tambores e Trombetas*;
- 1956 – Morre de enfarte.

Fonte: BRECHT, Bertolt. **POEMAS 1913-1956**. 7.ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

QUESTIONÁRIO PARA INSCRIÇÃO E COMPREENSÃO DO CONHECIMENTO INICIAL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

1- E-mail:

2- Idade:

☐ 15-16 anos

☐ 17-18 anos

☐ 20-21 anos

☐ 22 anos ou mais

3- Considerando sua identidade de gênero, você se considera:

☐ Mulher cis

☐ Mulher trans

☐ Homem cis

☐ homem trans

☐ Não binário

4- Você gosta de ler poesia?

☐ sim

☐ não

5- Conhece ou já ouviu falar sobre Bertolt Brecht?

☐ sim Onde? _____

☐ não

6- Já leu alguma poesia escrita por Bertolt Brecht?

☐ sim

☐ não

7- Na escola vocês já leram algum texto de Bertolt Brecht?

☐ sim

☐ não

8- Você considera importante a leitura de poesia na escola?

☐ sim

☐ não

Por quê? _____

9- Você já participou de alguma oficina sobre poesia na sua escola?

☐ sim

☐ não

10- Você gosta da condução de atividades no formato de oficinas?

☐ sim

☐ não

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA OFICINA

A respeito da oficina que você participou, avalie sua satisfação, referente aos aspectos seguintes do evento em uma escala de 1 ao 5, considerando: 1- totalmente insatisfeito, 2- insatisfeito, 3- indiferente, 4- satisfeito, 5- totalmente satisfeito, em relação aos eixos avaliativos abaixo:

E-mail:

1- Divulgação da oficina:

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

2- Etapa de inscrição:

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

3- Organização da oficina:

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

4- Com relação às poesias de Bertolt Brecht apresentadas foram atrativas e de fácil compreensão?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

5- A oficina foi apresentada de forma dinâmica proporcionando uma leitura/escuta das poesias?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

6- Os diálogos se estruturaram de forma a facilitar o entendimento do assunto tratado?

- ☐ 1
- ☐ 2

- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

7- O tempo destinado aos encontros atendeu as expectativas proposta pela oficina?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

8- As poesias apresentadas na oficina trouxeram reflexões para a sua formação humana?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

9- As perguntas suscitaram reflexões?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5

10- Comentários adicionais sobre a oficina:

Homem primata

José Fernando Gomes dos Reis/Sergio Affonso/Marcelo Fromer/Ciro Pessoa Mendes Correa

Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia
Eu não trabalhava
Eu não sabia
Que o homem criava
E também destruía

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Eu aprendi
A vida é um jogo
Cada um por si
E Deus contra todos

Você vai morrer
E não vai pro céu
É bom aprender
A vida é cruel

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Eu me perdi
Na selva de pedra
Eu me perdi
Eu me perdi

I am a cave man, a young man
I fight with my hands, with my hands
I am a jungle man, a monkey man
Concrete jungle, concrete jungle

Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia

Eu não trabalhava
Eu não sabia
Que o homem criava
E também destruía

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Eu aprendi
A vida é um jogo
Cada um por si
E Deus contra todos

Você vai morrer
E não vai pro céu
É bom aprender
A vida é cruel

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Homem primata
Capitalismo selvagem
Ô-ô-ô

Eu me perdi
Na selva de pedra
Eu me perdi (Eu me perdi)
Eu me perdi (Eu me perdi)

Cidadão

Compositores: Lucio Barbosa Dos Santos

'Tá vendo aquele edifício, moço?

Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Era quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar

Hoje depois dele pronto

Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz, desconfiado
Tu 'tá aí admirado
Ou 'tá querendo roubar?

Meu domingo 'tá perdido

Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer

'Tá vendo aquele colégio, moço?

Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento
Ajudei a rebocar

Minha filha inocente

Vem pra mim toda contente
Pai, vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar

Essa dor doeu mais forte

Por que é que eu deixei o norte?
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer

'Tá vendo aquela igreja, moço?

Onde o padre diz amém
Pus o sino e o badalo
Enchi minha mão de calo
Lá eu trabalhei também

Lá foi que valeu a pena

Tem quermesse, tem novena
E o padre me deixa entrar
Foi lá que Cristo me disse

Rapaz deixe de tolice

Não se deixe amedrontar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar

Hoje o homem criou asa

E na maioria das casas
Eu também não posso entrar
Fui eu quem criou a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar